

Não-relíquias? Relíquias? Quase-relíquias?

Non-relics?
Relics?
Almost-relics?



MUSEU
SÃO ROQUE

Não-relíquias? Relíquias? Quase-relíquias?

Non-relics?
Relics?
Almost-relics?

exposição | exhibition

03-05 — 28-07 | 2024

Galeria de Exposições Temporárias do Museu de São Roque
Temporary Exhibition Gallery of Museum of São Roque



**MUSEU
SÃO ROQUE**



SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

índice

contents

7 apresentação

15 *não-relíquias?*
o doutor Sousa Martins

55 *relíquias?*
o padre Cruz

91 *quase-relíquias?*
a madre Andaluz

119 bibliografia

apresentação
presentation

Não-relíquias? Relíquias? Quase-relíquias? o doutor Sousa Martins, o padre Cruz, a madre Andaluz

como? porquê? ... uma sondagem

As questões continuam a direcionar o projeto *reliquiarum*. Investigar e compreender as relíquias é um tema aberto e tem de expressar muitas variantes.

Assim aconteceu com esta exposição. O seu assunto foi objeto de visitas de estudo e as problemáticas aí nascidas mereceram investigação que conduziu à exposição e a este catálogo.

Perfilaram-se exemplos de construção de relíquias nas suas relações entre os poderes e as devoções e, partindo daí, pareceu interessante expor essas conexões.

Como se vão construindo transformações das vidas em mitificações de excecionalidade ou santidade?

Como é que objetos de uso profissional ou pessoal se vão conservando, guardando, descrevendo e ganhando a intensidade de memória e poder das relíquias?

Como é que o respeito e admiração social de alguns, ou de muitos, se vão transformando em atitudes de seguidores ou de devotos?

Como se constroem e memorializam estas figuras humanas e profissionais em estátuas em espaço público, ao mesmo tempo que crescem nas crenças de fé em espaço privado?

Como é que os detentores ou produtores de poderes simbólicos, laicos ou eclesiásticos, associações ou igrejas, guardam, utilizam e cultivam respeito ou concedem virtudes, aos objetos de pertença em vida de cada uma das personagens?

Estas preocupações e interrogações foram dirigidas a três diferentes casos que posicionámos à partida e que, no final, condensámos numa nova interrogação. Importa perceber o porquê dessas palavras.

O doutor Sousa Martins aparece como um caso extraordinário. Os seus seguidores continuam a sentir, ainda hoje, a sua força de médico sábio de atividade assistencial e curativa. Pelo seu percurso pessoal cívico e de saber médico, os seus objetos são atualmente, na maioria, peças expostas em museus. São relíquias sem crença religiosa aparente, mas são relíquias num senso lato, porque são referentes de crença e possuidoras de qualidades de acesso aos poderes de cura. Por tudo isto, pela sua distância a poderes

eclesiásticos e, ao mesmo tempo, por gerarem comportamentos de toque e posse como as relíquias, podemos dizer que são **não-relíquias?**

Quase tão extraordinário é o caso do padre Cruz. Numa enorme extensão territorial nacional, partindo de dentro de uma Igreja muito contestada, detinha um carisma de aproximação às pessoas, o que transformado pela sua lógica religiosa se apresentava como conversão. Para todos, mais ou menos crentes, ainda em vida era o “santo padre Cruz”. Muitos guardaram objetos seus, hoje recolhidos para que seja considerado santo pelo poder da norma, pela sua Igreja. A pergunta fica. É necessária essa norma para que as suas relíquias sejam **reliquéias?**

O terceiro caso é, ainda ele, muito interessante. A madre Andaluz é uma mulher ativa, detentora de uma espiritualidade vivida. Fundou uma congregação cristã-católica feminina, perante muitas dificuldades e oposições, afirmou-se numa zona territorial pouco alargada. Hoje, os seus objetos inventariados, descritos, fotografados e, muitos, disponibilizados on-line, merecem a atenção cuidada das suas irmãs de congregação. São objetos em busca da justificação de um caminho de santidade propiciadora do alargamento da devoção, são **quase-reliquéias?**

Com todos os limites existentes, a sondagem descrita foi consolidada em exposição pelos saberes dos diferentes comissários científicos, e vai ser um olhar sobre três biografias-hagiografias, sobre três consolidações de objetos-reliquia e, por tudo isto, mais um passo nas metodologias, perspectivas e boas práticas no estudo das relíquias no projeto *reliquiarum* do Museu de São Roque da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

António Camões Gouveia

Non-relics? Relics? Almost-relics?

doctor Sousa Martins, father Cruz, mother Andaduz

how? why? ... a survey

These questions continue to drive the *reliquiarum* project. Researching and understanding relics is an open-ended theme that has many variations.

So it was with this exhibition. Its subject matter has been the subject of study visits and the issues that have arisen have merited research that has led to the exhibition and this catalogue.

Examples of the construction of relics in their relationship between powers and devotions were profiled and, from there, it seemed interesting to expose these connections.

How are lives transformed into mythifications of exceptionality or sanctity?

How are objects of professional or personal use preserved, stored, described and given the intensity of memory and power of relics?

How are the respect and social admiration of a few, or many, transformed into attitudes of followers or devotees?

How are these human and professional figures constructed and memorialised in statues in public spaces, while at the same time growing in faith beliefs in private spaces?

How do the holders or producers of symbolic power, secular or ecclesiastical, associations or churches, guard, use and cultivate respect or grant virtues to the objects of belonging in the lifetime of each of the characters?

These concerns and questions were addressed to three different cases that we positioned at the outset and which, in the end, we condensed into a new question. It's important to understand why these words were used.

Dr Sousa Martins appears to be an extraordinary case. Even today, his followers still feel his strength as a wise doctor who was active in care and healing. Because of his personal civic journey and his medical knowledge, most of his objects are now exhibited in museums. They are relics without apparent religious belief, but they are relics in a broad sense, because they are referents of belief and possess qualities of access to healing powers. Because of all this, because of their distance from ecclesiastical powers and, at the same time, because they generate behaviours of touch and possession like relics, can we say that they are **non-relics?**

Almost as extraordinary is the case of Father Cruz. Across an enormous area of the country, starting from within a highly contested Church, he had a charisma of reaching out to people, which, transformed by his religious logic, was presented as conversion. For everyone, more or less believers, he was still the “holy Father Cruz”. Many kept objects of his, which are now collected so that he can be considered a saint by the power of the norm, by his Church. The question remains. Is this norm necessary for his relics to be **relics**?

The third case is also very interesting. Mother Andaluz is an active woman with a spirituality that was lived. She founded a Christian-Catholic congregation for women, and in the face of many difficulties and opposition, she made a name for herself in a sparsely populated area. Today, her objects, inventoried, described, photographed and, many of them, made available online, deserve the careful attention of her sisters in the congregation. Are they objects in search of the justification of a path of holiness that favours the widening of devotion, are they **quasi-relics**?

With all the existing limits, the survey described was consolidated in the exhibition by the knowledge of the different scientific commissioners, and will be a look at three biographies-hagiographies, three consolidations of relic objects and, for all that, another step in the methodologies, perspectives and good practices in the study of relics in the reliquiarum project of the São Roque Museum of the Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

António Camões Gouveia

Na entrada do Museu de São Roque...

At the entrance to the São Roque Museum...

Temos todos diferentes funções na Santa Casa, juntos olhámos para a construção da exposição que irão ver. Escolhemos três objetos que, em nosso entender, representam os três temas que a caracterizam. Esperamos que fiquem curiosos. Visitem a exposição com o vosso olhar e deixem a vossa opinião.

We all have different roles at the Santa Casa, so together we looked at the construction of the exhibition you are about to see. We've chosen three objects that, in our opinion, represent the three themes that characterise it. We hope you'll be curious. Visit the exhibition with your own eyes and leave your opinion.

Cláudia Duarte – Refeitório da SCML *SCML canteen*

Elisabete Moreno – DIC/MSR, museu, secretariado *museum, secretariat*

Gonçalo Amaro – DIC/MSR, museu, historiador *museum, historian*

João Cavadinhas – DIR-COM, comunicação *communication*

Lourdes Santos – DIC/MSR, museu, manutenção *museum, maintenance*

Nelson Inácio – DISTI, informática *IT*

Nelson Moreira Antão – DIC/AH, arquivo *archive*

Rita Pereira – DIC/MSR, museu, receção *museum, reception*

Lenço de Luiza Andaluz

Luiza Andaluz's scarf

Portugal, século XX

Seda

30 × 20 cm

Santarém, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa Madre Luiza Andaluz



Senhora de aparência simples, quase sempre de lenço ao pescoço, este objeto era parte de um hábito de uma freira que não usava hábito.

A simple-looking lady, almost always wearing a scarf around her neck, this object was part of the habit of a nun who didn't wear a habit.

Barrete do Padre Cruz

Father Cruz's cap

Portugal, século XX

Algodão

10 cm; Ø 19 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



Barrete de um padre, santo em vida, que se dedicou a aliviar as dores da alma sem distinções sociais, grande pregador e confessor.

The cap of a priest, a saint in life, who dedicated himself to relieving the pains of the soul without social distinction, a great preacher and confessor.

Estetoscópio monaural do Dr. Sousa Martins

Dr Sousa Martins' monaural stethoscope

Portugal, 1880-1890

Ébano, marfim

17 cm; Ø 5 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/PHH/7/0002.2

Instrumento que um médico utilizou para tratar o corpo e escutar o sopro da alma, homem de atividade inesgotável junto dos doentes mais pobres.

An instrument that a doctor used to treat the body and listen to the breath of the soul, a man of inexhaustible activity with the poorest patients.



***não-relíquias?* o doutor Sousa Martins. O culto ao Dr. Sousa Martins. A fé na ciência**

Pedro Teotónio Pereira

Museu de Lisboa – Santo António / EGEAC

José Tomás de Sousa Martins (1843-1897) foi um médico que viveu no século XIX e que se distinguiu como intelectual, professor e cientista, conhecido pelas consultas que oferecia aos pobres e pela sua bondade. Nunca casou e tinha uma grande veneração pela sua mãe. Era pobre. Morreu de tuberculose, vítima da doença que combateu toda a sua vida. Faz milagres.

Isto é, em linhas gerais, o que se conhece do Dr. Sousa Martins, quando se pergunta aos inúmeros crentes que visitam a sua **estátua** no Campos dos Mártires da Pátria, em Lisboa, ou o **jazigo** onde está sepultado, em Alhandra.

Ao longo de todo o ano, todos os dias, de manhã à noite, há sempre alguém nestes locais a colocar uma **vela**, a rezar, a pagar uma promessa, todos eles com a fé de que Sousa Martins os irá ajudar, de que Sousa Martins poderá interceder junto de Deus para que se concretize o seu pedido. Com o desenvolvimento das redes sociais, a manifestação da devoção a Sousa Martins alargou-se a vários grupos virtuais, permitindo a partilha de testemunhos e de experiências, facilitando a ligação de pessoas de diferentes geografias, substituindo a deslocação aos locais de culto.

No entanto, duas vezes por ano – no dia 7 de março, data do seu nascimento e no 18 de agosto, dia da sua morte – decorrem verdadeiras romarias nestes locais, com centenas de pessoas provenientes de todo o país que vão a Alhandra ou à sua **estátua** em Lisboa, na procura de obter uma cura, ajuda nos exames, proteção em viagens ou simplesmente para rezar ou agradecer alguma graça. Também os curadores, indivíduos que se dizem com poderes para contactar com o sobrenatural, veem nestes dias para prestar homenagem ao Dr. Sousa Martins, aproveitando para disponibilizar os seus serviços aos inúmeros crentes que surgem na ocasião.

São dias importantes e que permitem o encontro de crentes com atitudes muito diferentes, que aproveitam estes momentos para afirmar a sua devoção, partilhar histórias, certificar práticas, confirmar a presença e ação do médico. Por isso a oferta

de **ex-votos em cera**, a colocação de **velas** e **cravos vermelhos** (ou outras flores), a disposição de **lápides** a agradecer a sua intervenção. Em Alhandra, esta importância é reforçada pela presença da **urna** com o corpo de Sousa Martins no **jazigo** de família, que nestes dias – e apenas nestes dias – se encontra aberto para que o crente possa realizar as suas orações junto da **urna**. A fila para visitar o **jazigo** faz parte da expectativa do encontro, e quando é possível entrar, fazem-se as orações e os pedidos mais reservados, toca-se na **urna** e encostam-se **objetos** ou **fotografias** dos familiares mais reservados para que adquiram as suas qualidades e a sua proteção.

É a manifestação mais visível de um culto difuso que não depende de nenhuma organização institucional e formal, e que se integra no conceito de religiosidade popular, autónoma da instituição eclesiástica, baseada numa prática e em valores transmitidos pelas relações de vizinhança, que integra elementos da magia, feitiçaria, espiritismo, etc. Reflete o sentimento de que o sagrado domina o Universo visível pelo seu poder extraordinário, inspirando dependência, medo, confiança e proteção. O mundo está povoado de presenças misteriosas e atuantes do outro mundo, tais como os santos, os anjos e os demónios. Estes, com Deus e as almas, encobrem a vida, a história, o ambiente, com a sua nuvem protetora. Estas crenças criam comportamentos “supersticiosos” e com uma linguagem especial. No entanto, os crentes não distinguem o “supersticioso” do religioso, que coexistem, embora os ritos “supersticiosos” muitas vezes estejam em contradição com a doutrina oficial, e a própria Igreja se afaste destas práticas. Os crentes, que na sua esmagadora maioria se afirmam católicos, justificam esta condenação de vários modos: os padres não sabem tudo, ou Sousa Martins não é santo porque o processo demora muitos anos, ou ainda, porque não era crente. É que “os fiéis vivem os símbolos, não fazem teologia”¹. Não interessa pensar, nem se quer explicar tudo. A religião popular não se estuda, pratica-se. Vive das dinâmicas dos seus crentes e dos outros atores sociais, permitindo uma liberdade e autonomia na expressão do sentimento religioso de forma mais adequada à cultura e tradição dos seus praticantes (através da realização de romarias, de promessas, etc.)².

Por isso, outro dos locais mais visitados, não só nos dias de romaria mas ao longo de todo o ano, é o Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins. Instalado na **casa de família** onde Sousa Martins viveu, é um Museu dedicado àquela vila ribatejana e a alguns conterrâneos famosos, mas é visitado sobretudo pela sala dedicada a Sousa Martins, que exhibe **documentos**, **fotografias** e **objetos** que lhe pertenceram, entendidos como verdadeiras **reliquias** dignas de veneração, a que se juntam ofertas devocionais que reforçam o carácter espiritual do local. E como acontece no **jazigo** no cemitério de Alhandra, as pessoas visitam esta sala para estarem mais perto de Sousa Martins, para verem os objetos que ele manuseou, as pessoas ilustres com quem trocou

correspondência e que o admiravam, para verem as suas **fotografias** e confirmar o reconhecimento que recebeu durante a sua vida, que legitima o reconhecimento após a morte.

Este reconhecimento institucional é fundamental para a afirmação da importância de Sousa Martins enquanto cientista e humanista. Nascido a 7 de março de 1843 em Alhandra, José Tomás de Sousa Martins é filho de Caetano Martins e de Maria das Dores. Os biógrafos referem que nasceu num lar modesto e com dificuldades, que se pode justificar pelo facto do seu pai ser carpinteiro, e tudo levar a crer que a família da mãe ser de um estrato social superior. Esta ideia é reforçada pela falta de referências ao pai e à família paterna, em oposição com a bem influente família materna. A sua infância terá várias condicionantes que irão influenciar toda a sua vida: era o mais novo de 4 irmãos (Gertrudes, Maria Leonor, Caetano – que morreu com 1 ano de vida – e José Tomás). O seu pai morre prematuramente, quando ele tinha 3 anos de vida, criando uma forte ligação com a mãe que o irá influenciar durante toda a sua vida. Aos 10 anos completa o primeiro grau de instrução primária e vem estudar para Lisboa, para casa do tio (materno) Lázaro Joaquim de Sousa Pereira, proprietário e fundador da Farmácia Ultramarina, na rua de São Paulo. Aos 13 anos é registado como praticante de farmácia. Aos 19 anos matricula-se no curso de farmácia da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, tendo-se registado um ano antes no curso de Medicina.

Aluno brilhante, com 21 anos é eleito sócio efetivo da Sociedade Farmacêutica Lusitana e em 1868 (com 25 anos) é aceite professor na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (nomeado nesse ano para demonstrador da secção médica). Em 1876 ascende ao lugar de Lente da cadeira de Patologia Geral, Semiologia e História da Medicina, distinguindo-se como exímio orador e excelente professor.

Enquanto médico, distingue-se no campo da prevenção e cura de doenças contagiosas (em particular da tuberculose), e será um dos principais investigadores tanto em Portugal, onde fundou vários sanatórios, como no estrangeiro, onde representou Portugal em três Congressos: em 1874 em Viena de Áustria, convocado para discutir o problema da cólera; em 1894 em Roma; e em 1897 (ano da sua morte) em Veneza, para o estudo da peste bubónica.

Paralelamente a esta progressão na carreira académica, Sousa Martins abriu um consultório em casa, o que lhe trouxe grande popularidade na época. Desde que terminou o curso até ao fim da sua vida, deu consultas em casa e visitou doentes. A sua clientela era muito diversa, desde as varinas e o operariado mais pobre, a artistas e até à própria família real. Aos doentes pobres não cobrava nada pela consulta, oferecendo muitas vezes dinheiro para que estes comprassem os medicamentos e alimentos.

Embora voluntariamente afastado da política, Sousa Martins, que se afirmava devoto da ciência, positivista e materialista, não se alheou de participar ativamente na vida cultural e social. Foi um membro da chamada “Geração de 70”³ e participou em inúmeras organizações científicas que proliferavam, bem ao gosto do século XIX⁴.

Foi depois da sua participação no Congresso Internacional em Veneza em 1897, em representação de Portugal, que Sousa Martins contraiu a doença com que lutou toda a vida, a tuberculose, morrendo em Alhandra, no dia 18 de agosto de 1897.

A sua morte aos 54 anos teve uma dimensão de calamidade pública, de luto semioficial, numa manifestação espontânea de pesar, que partiu das mais altas instâncias até às mais baixas esferas sociais, no Portugal do crepúsculo do século XIX. Desde logo se organizou um grupo de amigos para que se erguesse uma **estátua** em sua homenagem. O **livro** “Sousa Martins: In memoriam”, de 1904, reúne as contribuições de 55 amigos e colegas, formando um grande elogio fúnebre⁵. Em 1900 é inaugurada, em frente à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa o **monumento** em memória de Sousa Martins da autoria do escultor Queirós Ribeiro, obra que motivou uma forte polémica e contestação e que levou à realização de um novo projeto, da autoria de Costa Motta, inaugurado em 1904⁶.

Paralelamente a esta consagração científica e política, irá desenvolver-se um culto em torno da figura do Dr. Sousa Martins. Médico famoso por ajudar os mais pobres, que se entregou à profissão como a um sacerdote. Nunca se casou e foi muito próximo da sua mãe, e morreu envolto numa áurea de mistério e como um mártir, vítima da doença contra a qual lutou toda a sua vida, a tuberculose.

Desde cedo começam a surgir relatos da evocação de Sousa Martins e da sua intervenção, que naturalmente se distanciam da Igreja que fora rejeitada por ele, encontrando lugar nas práticas espíritas, numa mística bem ao gosto de finais do século XIX e início do século XX. Ainda hoje podemos encontrar diferentes atitudes perante este culto que se refletem também na forma de intervenção do próprio médico.

Assim, uma das atitudes mais correntes remete-nos para o que se pode definir como privatização da religião: paralelamente à religião oficial, desenvolve-se um sistema de crenças que se baseia na devoção privada dos santos, cujas categorias não se confundem com os santos reconhecidos oficialmente pela Igreja; é muito mais abrangente e inclui também todas as denominações locais e titulares de Maria e de Jesus, assim como santos não canonizados (mas canonizados pelo povo) que se distinguiram como milagreiros. Toda a vida do crente se centra na sua relação direta e pessoal com os santos de devoção, tudo isto passado na esfera privada à qual só tem acesso o próprio crente e os santos aos quais se dirige. Para estes crentes, Sousa Martins intervém de modo milagroso, por fazer com que a doença desapareça repentinamente; sabe-se

que foi Sousa Martins porque se recorreu a ele. Para além disso, a devoção cria uma relação especial com o santo, o que leva a que Sousa Martins seja evocado para outras situações que não apenas a de curar.

Uma outra atitude relaciona-se com o mundo do espiritismo. Para os crentes que se identificam com esta atitude, a doutrina baseia-se na crença dos espíritos, que podem ser agrupados em espíritos imperfeitos (que fazem o mal) e espíritos bons (que fazem o bem) e que através de sucessivas encarnações atingem a luz, o bem supremo. Sousa Martins (assim como todos os santos) atingiu a perfeição e é por isso invocado para praticar o bem. Para estes crentes, os modos mais frequentes de cura dão-se através da incorporação no médium ou da intervenção direta de Sousa Martins que opera, normalmente na presença de outros santos e/ou familiares já falecidos do paciente.

Por fim, a atitude que se pode caracterizar como sincretismo religioso. Neste caso, a atitude do crente toma elementos da religião católica que se interligam com aspetos característicos do espiritismo, criando um sistema original que está ao nível individual. São crenças carregadas de superstições, cuja ação alterna entre elementos característicos da religião popular e a crença nos espíritos. No caso do sincretismo religioso, a cura mais frequente é realizada pelo médico oficial que é guiado ou acompanhado por Sousa Martins (os crentes identificam a presença do Dr. Sousa Martins através da respiração ou pelo tossir). Na maioria das vezes, o crente recorre à medicina oficial ao mesmo tempo que se encomenda ao santo, que experimenta mezinhas ou que consulta um espírita.

Verifica-se assim uma estreita relação entre a magia e a religião por um lado e a ciência por outro, estando este culto na fronteira entre uma e outra. Quando o curador manuseia o corpo doente, quando receita **remédios**, quando envia o doente ao médico oficial, está a praticar uma medicina positiva, inspirado no bom exemplo de Sousa Martins. Por sua vez, os crentes depositam a sua fé neste tipo de curas: são eles que dão ao curador o poder de os curar, são eles que dão ao médico o poder da cura – o médico é aqui transformado num mágico: possuidor de certos conhecimentos, ele torna-se instrumento da ação do sagrado. O doente acredita que vai ser curado (pela ação do médico – sob influência de Sousa Martins) e o médico acredita que o doente vai ser curado pela sua ação científica. Os dois sistemas apoiam-se mutuamente – pela crença o doente melhora, pela ciência e pela técnica o médico cura o doente.

Seja qual for a atitude perante este culto, os devotos invocam o Dr. Sousa Martins com a esperança de resolver as suas angústias, entre as quais a principal é a doença. É por meio da medicina que o Dr. Sousa Martins praticava – positiva e técnica – que o crente vai resolver os seus problemas, e, ironia das ironias, porventura proclamá-lo o primeiro santo dessa ciência agnóstica e científica.

NOTAS

1 ESPÍRITO-SANTO, Moisés, *A Religião Popular Portuguesa*, p. 16.

2 Cf. SANCHIS, Pierre, *Arraial – Festa de Um Povo: As Romarias Portuguesas*, 1983. P. 78.

3 A Geração de 70 era constituída por homens nascidos por volta da década de 40 do séc. XIX, profundamente influenciados pela aproximação de Portugal ao “mundo civilizado”. Incluía, para além de Sousa Martins, homens como Antero de Quental, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Manuel Bento de Sousa, Marquês de Ficalho, Jaime Batalha Reis, Luciano Cordeiro, Alberto Sampaio, Joaquim Guilherme Gomes Coelho (mais conhecido pelo seu pseudónimo, Júlio Dinis), Conde de Sabugosa, etc. Esta geração apresenta-se como anticlerical, racionalista, positivista (ou acreditando no cientismo) e antimonárquica. Deixará marcas de uma época profundamente criadora.

4 Tomou parte da fundação e foi Vice-presidente da Sociedade de Geografia, da fundação do Jardim Zoológico de Lisboa, foi membro benemérito da Sociedade Farmacêutica Lusitana, Presidente da Sociedade de Ciências, vogal da comissão de Subscrição Nacional de 1890 para a defesa do país, vogal da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Participou ativamente nas Comemorações do Centenário de Camões (1880), de quem era admirador incondicional, e na preparação das Comemorações do Centenário da Índia (1898), etc.

5 Abel Botelho, Abílio Guerra Junqueiro, Alfredo da Costa, Alfredo da Cunha, Alfredo Luiz Lopes, Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, Antonio de Campos Júnior, António de Castro Freire, António França Borges, D. António de Lencastre, Bernardino Machado, Carlos Joaquim Tavares, Charles Bouchard, Conde de Sabugosa, Christovam Ayres, (Edouard Brissaud), Eduardo Abreu, Eduardo Burnay, Emilio Fragoso, Francisco António Wolfgang da Silva, Francisco Marques de Sousa Viterbo, Francisco Teixeira de Queiroz, Gil Mont'Alverne de Sequeira, Gregorio Rodrigues Fernandes, Hygino de Sousa, João da Câmara, João Carlos Rodrigues da Costa, João Jacintho da Silva Corrêa, João José de Sousa Telles, Joaquim Alves Cresso, Joaquim de Araújo, José António de Freitas, José António Serrano, José Duarte Ramalho Ortigão, José Valentim Fialho d'Almeida, José Eduardo Fragoso Tavares, José Estevão de Moraes Sarmiento, José de Freitas Ribeiro, José Joaquim Ferreira Lobo, José Joaquim Gomes de Brito, José de Lacerda, José de Sousa Monteiro, Júlio de Mattos, Manuel Bento de Sousa, Manuel Emygdio da Silva, Maria Amália Vaz de Carvalho, Paul Brouardel, Paul Reclus, Prospero Peragallo, Rosendo Carvalheira, Sebastião de Magalhães Lima, Theophilo Braga, Thomaz de Mello Breyner, Vicente Rodrigues Monteiro, Xavier da Cunha

6 De referir ainda os bustos na cidade da Guarda (inaugurado pela família real em 1907, juntamente com o Sanatório com o seu nome) e em Alhandra, inaugurado em 1908 no atual Largo 7 de março, ambos da autoria de Costa Mota

Cronologia

1843, 7 de março – Nasce em Alhandra (registado, por engano, a 7 de fevereiro de 1843), José Tomás de Sousa Martins.

1846 – Morte do pai, Caetano Martins.

1853 – Com 10 anos, termina os estudos primários.

1855 – Com 12 anos, muda-se para casa do tio materno, Lázaro Joaquim de Sousa Pereira em Lisboa. Prossegue os estudos no Liceu Nacional de Lisboa.

1856 – Com 13 anos, é registado como praticante de farmácia. Segue o curso de Ciências Naturais na Escola Politécnica.

1861 – Completou os estudos preparatórios em Ciências Naturais com excelente aproveitamento. Ingressou no curso de medicina da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa.

1862 – Com 19 anos, matricula-se no curso de farmácia da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e frequenta simultaneamente os cursos de Farmácia e de Medicina.

1864 – Com 21 anos, conclui o curso de Farmácia, com louvor e distinção. É eleito sócio efetivo da Sociedade Farmacêutica Lusitana.

1866 – Conclui o curso de Medicina e Cirurgia, também com louvor e distinção. Inicia a prática da clínica privada.

1867 – Torna-se sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa. É eleito membro efetivo da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, onde assume funções de relator, vice-secretário e integra diversas comissões.

1868 – Com 25 anos, é aceite professor na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e a 27 de agosto foi nomeado demonstrador da Secção Médica.

1871 – Nomeado secretário e relator da comissão para laboração de uma nova Farmacopeia Portuguesa (publicada em 1876).

1872 – Promovido a lente substituto.

1873 – Secretário e bibliotecário da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (entre 1873-1876).

1874 – Nomeado médico extraordinário do Hospital de São José.

1874 – Nomeado delegado português para o Congresso Internacional em Viena, convocado para discutir o problema da cólera asiática. Elevado à categoria de membro benemérito da Sociedade Farmacêutica Lusitana.

1875, 31 de julho – Eleito vice-presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa.

1875 – Sócio fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa.

1876 – Ascendeu ao lugar de lente proprietário da cadeira de Patologia Geral, Semiologia e História da Medicina.

1880 – Faz a caracterização da tuberculose e salienta a importância da criação de sanatórios na zona da Serra da Estrela. Envolveu-se ativamente nas comemorações do centenário de Camões.

1881 – Presidente da Comissão Executiva e da Secção de Medicina da expedição científica à Serra da Estrela organizada pela Sociedade de Geografia.

1883 – Promovido a médico ordinário do banco do Hospital de São José.

1883 – Faz parte da comissão iniciadora e comissão fundadora do Jardim Zoológico e de Aclimação em Portugal e é membro da direção da sociedade (1883 e 1884). A partir de 1885 e até ao seu falecimento assumiu função de 2º secretário da mesa da Assembleia Geral.

1885 – Nomeado diretor de enfermaria de São Miguel no Hospital de São José.

1887 – Sócio da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha.

1887/1888 – Diretor do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa.

1888 – Impulsiona a fundação do “Clube Herminio” na Guarda, uma associação de carácter humanitário, sendo aclamado sócio fundador e presidente perpétuo. A 31 de outubro desse ano recebe foro de médico honorário da Real Câmara de Suas Majestades e Altezas.

1890, janeiro – Morre a sua mãe.

1890 – Empenhou-se ativamente na Subscrição Nacional. Vogal da Comissão de Higiene da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa.

c. 1891 – Responsável pela clínica médica na Casa de Saúde Lisbonense até 1895.

1891-1893 – Exerceu clínica na Policlínica de Lisboa.

1894 – Representa Portugal no XI Congresso Médico Internacional em Roma.

1894 – Torna-se médico honorário da Real Casa Pia de Lisboa.

1896 – Envolveu-se na preparação das Comemorações do Centenário da Índia (1898).

1897, 31 de julho – Eleito presidente da Sociedade de Ciências Médicas.

1897 – Morre a tia Cândida, (D. Maria das Dores Cardoso) que vivera com ele em pequeno, e o seu cunhado Dr. Boaventura Martins, de quem se separou com agravos.

Em fevereiro desse ano é nomeado representante de Portugal no Congresso Internacional em Veneza, para o estudo da peste bubónica. No regresso passa por Paris para visitar Professor Bouchard, e contrai gripe que acelera o processo da tuberculose.

1897, 8 de maio – Doente, vai em repouso para a Serra da Estrela.

1897, 18 de agosto – Morre com 54 anos na Quinta de Rio Gomes, próximo de Alhandra.

Testemunhos

O Fernando faz trabalhos espirituais com Sousa Martins desde criança. Herdou esse dom da sua família – avó, mãe e tio materno. O Dr. Sousa Martins, espírito de luz, é o seu guia espiritual, e fala com ele todos os dias. Tem curado muita gente, de tudo o que lhe tem pedido.

Considera que é um dom que recebeu de Deus e por isso não leva dinheiro pelo que faz: operações espirituais, trabalhos através do hipnotismo e do magnetismo.

Costuma ir a Alhandra com as pessoas que trata, para que agradeçam ao Dr. Sousa Martins e façam as suas ofertas.

Quando verificou uma tendência de diminuição do número de pessoas que se deslocavam a Alhandra e à Guarda para visitar o Dr. Sousa Martins, resolveu criar um grupo na Internet. O grupo foi criado em 2023 e conta já com 2000 membros associados, dispersos por todo o mundo (Luxemburgo, Itália, França), permitindo a partilha de experiências e o encontro de pessoas com a mesma devoção.

Fernando, 68 anos, Charneca da Caparica

A mãe da Amélia quando tinha cerca de 80 anos teve um problema na vista, tinha sempre o olho a chorar. Foi a médicos, fez exames, pôs gotas, pomadas, mas nunca lhe resolveram o problema. Nessa época a Amélia estava emigrada no Luxemburgo, e resolveu levar a mãe para lá, mas nem aí os médicos conseguiram resolver o problema.

Um dia resolveu oferecer à mãe uma pequena imagem de Sousa Martins e uns incensos, para que a mãe os queimasse e deitasse os fumos nos olhos, e pedisse ao Dr. Sousa Martins que a curasse. Ao fim de 3 meses, e até hoje, a mãe tem agora 88 anos, nunca mais saiu nenhuma gota dos olhos da mãe, a não ser para chorar. Os médicos não perceberam como ficou curada, mas ela também não contou o que fez. Tem o hábito de rezar o terço todos os dias e agora agradece sempre ao Dr. Sousa Martins na oração, e quando vem a Lisboa quer ir sempre a Alhandra agradecer ao Dr. Sousa Martins.

Amélia, 58 anos, Vila Real

A D. Minda recorreu pela primeira ao Dr. Sousa Martins quando a filha, ainda pequena, esteve doente. A conselho de uma vizinha foi visitar uma senhora em Almeirim que trabalhava com o Dr. Sousa Martins. O espírito de Sousa Martins falou-lhe e disse-lhe que a criança iria

para Lisboa essa noite e que iria acontecer um problema, mas que errar é humano. De facto, essa noite a criança teve de ir para o Hospital da Estefânia onde, por acidente, lhe cortaram um dedo. No hospital, uma senhora vestida de preto (que ela nunca mais viu) disse-lhe que entrasse no hospital com o pé direito e que pensasse no Dr. Sousa Martins, que tudo iria correr bem.

Anos mais tarde, a sua outra filha teve de ficar internada na Hospital da Estefânia devido a uma peritonite, permanecendo em coma durante quase três meses. Nessa época, ela ia todos os dias rezar junto da estátua do Dr. Sousa Martins para pedir que salvasse a sua filha, o que veio a acontecer, para espanto dos próprios médicos.

Depois da recuperação da filha ela própria ficou com uma forte ligação ao Dr. Sousa Martins, e ainda hoje acontece, por vezes, senti-lo presente de madrugada, através do um intenso cheiro de tabaco, ocasião em que recebe a sua influência e a leva a escrever incessantemente.

Minda, 68 anos, Santarém

Tenho 78 anos e sempre fui devoto deste grande ser humano, um espírito superior e cheio se luz enviado por Deus ao mundo, sempre fazendo o bem.

Eu que o diga, com dois cancros malignos, um já está curado e o outro vai a caminho da cura, graças às forças divinas e ao Dr.Sousa Martins.

António, Montalegre

Obrigado, meu santo Dr. Sousa Martins, espírito superior da luz, por mais uma graça conseguida. Hoje visitei-te e sei que estavas lá na consulta.

És o meu doutor, da minha família e amigos. Obrigado.

Lucinda, Álvares, Góis

Obrigado Dr. Sousa Martins pelo milagre que fizeste ao meu Filho. Nunca esquecerei

Laurinda, Lisboa

Tu és o médico divino. Tu dás a vida, e a vida em plenitude àqueles que te buscam. Acredito no teu poder curador, meu irmão, e agradeço humildemente por toda a obra que estás realizando em meu coração e em meu corpo, neste momento. Gratidão Doutor Sousa Martins

Martins, Castelo Branco

Segundo diz o povo, “a fé é que nos salva”. Podem crer que é verdade. Eu fui operada há 17 anos e na equipa de médicos estavam sem dúvida as mãos do Dr. Sousa Martins. Senti. Não há explicação, por isso eu lhe agradeço todos os dias da minha vida. Obrigada, grande ser humano.

Fernanda, Abrantes

Retrato do Dr. Sousa Martins
Portrait of Dr Sousa Martins

Branca de Assis

Portugal, 1898
Óleo sobre tela
120 × 100 × 10 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ART/3/0007

Imagem do Dr. Sousa Martins que evidencia o caráter de médico e de professor. Esta imagem é reproduzida nas pagelas e livros de orações dedicados ao Dr. Sousa Martins, evocando as suas qualidades de homem da ciência e o prestígio que granjeava na elite do seu tempo.

An image of Dr Sousa Martins that highlights his character as a doctor and teacher. This image is reproduced in the prayer cards and prayer books.



Retrato de D. Maria das Dores de Sousa Martins
Portrait of Mrs Maria das Dores de Sousa Martins

Miguel Ângelo Lupi (1826-1883)
Portugal, 1878
Óleo sobre tela
78 × 63 cm
Lisboa, Museu Nacional de Arte Contemporânea
do Chiado, inv. 438

Diz-nos Sebastião Magalhães Lima que foi a pedido de sua mãe que Sousa Martins dava consultas gratuitas. Esta imagem da mãe de Sousa Martins é frequentemente reproduzida junto da imagem do seu filho, representando a estreita ligação entre ambos, o ascendente que a mãe tinha sobre o filho e a extrema dedicação que Sousa Martins sempre dedicou à sua mãe.

The image of Sousa Martins' mother is often reproduced next to the image of his son, representing the close bond between the two.



Casa onde nasceu o Dr. Sousa Martins em Alhandra
The house where Dr Sousa Martins was born in Alhandra

Portugal, século XX
Fotografia sobre papel
16,5 × 11,5 cm
Alhandra, Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins

Fotografia da casa onde nasceu o Dr. Sousa Martins em Alhandra, atualmente Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins. Apesar de ser um museu dedicado aos aspetos sociais e económicos da freguesia de Alhandra, ao associativismo e aos alhandrenses famosos, destaca-se a sala dedicada ao Dr. Sousa Martins que torna o museu um dos mais visitados do concelho.

Photograph of the house where Dr Sousa Martins was born in Alhandra, now the Alhandra Museum – Dr Sousa Martins House.

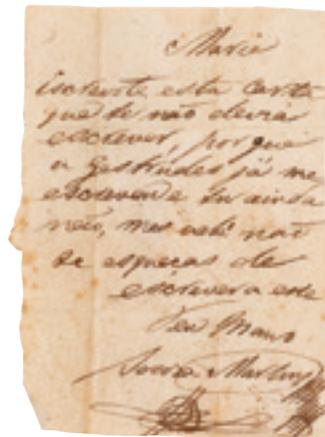


Carta escrita por Sousa Martins para a sua irmã Maria, quando tinha 14 anos
Letter written by Sousa Martins to his sister Maria, when he was 14 years old

Portugal, 1857
Manuscrito sobre papel
7,7 × 11 cm (envelope)
15,2 x 10,4 cm (carta)
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/4/0074

A viver em Lisboa desde os 13 anos, o jovem Sousa Martins mantinha uma forte ligação com a mãe e as irmãs, colmatando a ausência do pai, já falecido.

Living in Lisbon since the age of 13, the young Sousa Martins maintained a strong bond with his mother and sisters, making up for the absence of his deceased father.



Envelope endereçado a Sousa Martins

Envelope addressed to Sousa Martins

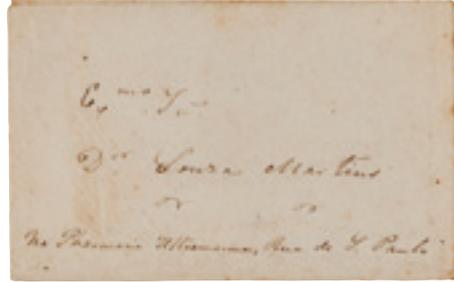
Portugal, século XIX

Manuscrito sobre papel

7,3 × 11,4 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,

inv. CHLC/AMB/ADF/4/0075



Envelope endereçado a Sousa Martins, com morada da Pharmácia Ultramarina, propriedade do seu tio materno e onde iniciou a sua atividade de praticante de farmácia, quando tinha 13 anos.

Envelope addressed to Sousa Martins, with the address of Pharmácia Ultramarina, owned by his maternal uncle and where he started his pharmacy practice.

Retrato de Sousa Martins durante o período de estudante da Escola Polytechnica

Portrait of Sousa Martins as a student at the Polytechnic School

Portugal, século XIX

Fotografia sobre papel

15,3 × 10,5 × 1,9 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,

inv. CHLC/AMB/ADF/2/0085



Paralelamente à atividade de praticante de farmácia, Sousa Martins foi um excelente aluno no Lyceu de Lisboa e na Escola Polytechnica

As well as practising pharmacy, Sousa Martins was an excellent student at the Lisbon Lyceum and the Polytechnic School.

**Retrato do jovem Sousa Martins,
estudante da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa**
*Portrait of the young Sousa Martins, as student
at the Lisbon Medical and Surgical School*

Portugal, século XIX
Fotografia sobre papel
14 × 11,7 × 1,2 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/2/00093

**Em 1861, inscreveu-se na Escola Médico-Cirúrgica
de Lisboa, frequentando simultaneamente os cursos
de Farmácia e de Medicina.**

*In 1861, he enrolled at the Lisbon Medical and Surgical
School, taking both the Pharmacy and Medicine courses.*



**Carta de Sousa Martins
para a sua irmã Maria Leonor**
Letter from Sousa Martins to his sister Maria Leonor

Portugal, 1862
Manuscrito sobre papel
20,7 × 13,2 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/4/0076

**Sousa Martins tinha uma ligação estreita
com a família, desempenhando praticamente
o papel de pai em relação às suas irmãs.**

*Sousa Martins had close ties with his family, practically
playing the role of father to his sisters.*

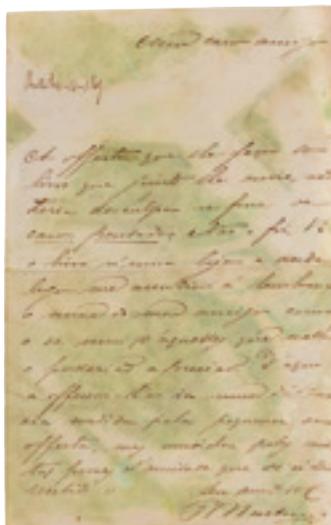


Carta de Sousa Martins para o seu amigo Miguel Gomes da Silva, em cuja casa ficou quando veio estudar para Lisboa
Letter from Sousa Martins to his friend Miguel Gomes da Silva, where he stayed when he came to study in Lisbon

Portugal, outubro de 1869
Manuscrito sobre papel
21,2 x 13,2 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/ADF/4/0077

Sousa Martins veio para Lisboa, contando com a ajuda do seu tio materno e dos amigos, para prosseguir os seus estudos.

Sousa Martins came to Lisbon with the help of his maternal uncle and friends to continue his studies.

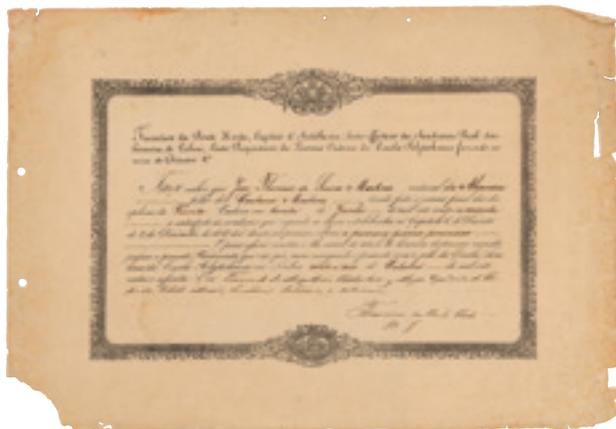


Diploma de aprovação de Sousa Martins na 5ª cadeira da Escola Polytechnica
Diploma of approval for Sousa Martins in the 5th class of the Polytechnic School

Portugal, 1860
Manuscrito e impresso sobre papel
31,5 x 44 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/ADF/4/0034

Pelos bons resultados obtidos, o Dr. Sousa Martins teve direito ao “primeiro prêmio pecuniário”, garantindo as condições financeiras necessárias para a continuação dos seus estudos.

For his good results, Dr Sousa Martins was entitled to the “first pecuniary prize”, guaranteeing the necessary financial conditions to continue his studies.



Diploma de aprovação de Sousa Martins na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa

Diploma of approval for Sousa Martins at the Lisbon Medical and Surgical School



Portugal, 1866

Manuscrito e impresso sobre papel

37,5 x 54,5 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/ADF/4/0030

Sousa Martins ficou habilitado a exercer Cirurgia e Medicina, em 1866.

Sousa Martins was authorised to practice surgery and medicine, in 1866.

Carta de nomeação do Dr. Sousa Martins como demonstrador da secção médica da Escola Médico Cirúrgica de Lisboa

Letter appointing Dr Sousa Martins as demonstrator of the medical section of the Lisbon Medical and Surgical School

Portugal, 1868

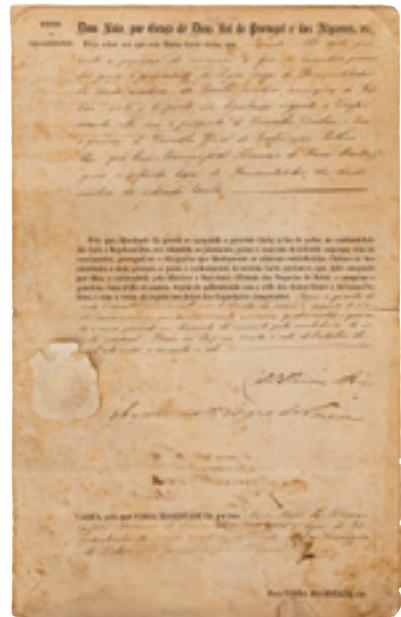
Manuscrito e impresso sobre papel

44 x 28 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/ADF/4/0032

Em 1868, o Dr. Sousa Martins é escolhido por unanimidade para o preenchimento de uma vaga de professor substituto na Escola Médico Cirúrgica de Lisboa, sendo nomeado Demonstrador da secção médica em 27 de agosto.

In 1868, Dr. Sousa Martins was unanimously chosen to fill a vacancy as a substitute professor at the Escola Médico Cirúrgica de Lisboa.



Retrato do Dr. Sousa Martins, oferecida pelo próprio, ao Dr. Gregório Fernandes
Portrait of Dr Sousa Martins, given by himself, to Dr. Gregório Fernandes

Dr. H. Heid, Atelier Garten Salon
Áustria, março de 1897
Fotografia sobre papel
15,8 × 12 × 1,1 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/2/0086

O Dr. Gregório Fernandes foi um reputado médico e seu grande amigo, que o acompanhou no dia da sua morte.

Dr. Gregório Fernandes was a renowned doctor and his great friend, who accompanied him on the day of his death.



Retrato do Dr. Sousa Martins no seu gabinete de trabalho (reprodução da pintura de Veloso Salgado)

Portrait of Dr Sousa Martins in his office (reproduction of Veloso Salgado's painting)

Portugal, século XIX
Litografia sobre papel
17 × 14 × 1,3 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/1/0002

Muitos dos doentes de Sousa Martins eram artistas que não pagavam e ofereciam os seus trabalhos como compensação, como é o caso do Veloso Salgado.

Many of Sousa Martins' patients were artists who didn't pay and offered their work as compensation, as in the case of Veloso Salgado.



Cadeira de trabalho do Dr. Sousa Martins

Dr Sousa Martins' work chair

Portugal, século XIX (final)

Madeira, couro e cobre

82 × 64 × 60 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,

inv. CHLC/AMB/ART/10/0001

Foi no seu consultório que Sousa Martins adquiriu grande popularidade na época. Apesar das consultas serem por vezes muito rápidas, obtinha resultados extraordinários.

It was in his consulting room that Sousa Martins gained great popularity at the time. Although his consultations were sometimes very quick, he achieved extraordinary results.



Campaínha do gabinete do Dr. Sousa Martins

Dr Sousa Martins' office bell

Portugal, século XIX

Madeira, latão e baquelite

Ø 8 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,

inv. CHLC/AMB/PHH/9/0001

A sua vida era muito ocupada e ele cumpria as suas obrigações com uma pontualidade rigorosa e nunca recusava nenhum doente, pois tinha consciência da responsabilidade da sua função.

His life was very busy and he carried out his duties with strict punctuality and never turned away a patient, as he was aware of the responsibility of his role.



Agenda do Dr. Sousa Martins***Dr Sousa Martins' work diary***

Portugal, 1896

Manuscrito sobre papel e couro

11,8 × 9 × 3,5 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/ADF/4/0071



Agenda do Dr. Sousa Martins***Dr Sousa Martins' work diary***

Portugal, 1895

Manuscrito sobre papel, cartão e couro

11,7 × 9 × 2,5 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/ADF/4/0072



Agenda do Dr. Sousa Martins***Dr Sousa Martins' work diary***

Portugal, 1893

Manuscrito sobre papel, couro e nastro

15 × 19,2 × 1 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,

inv. CHLC/AMB/ADF/4/0073

Agendas com o registo das visitas e consultas diárias do Dr. Sousa Martins, que ilustram a sua intensa atividade profissional, a que se junta uma agitada vida cultural e social, participando em inúmeras organizações científicas que ajudou a fundar.

Diaries recording the daily visits and consultations of Dr Sousa Martins, which illustrate his intense professional activity.



Humedecedor de selos postais do Dr. Sousa Martins
Dr Sousa Martins' postage stamp moistener

Portugal, século XIX (final)
Vidro e prata
6,5 × 9,5 × 8,5 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ART/7/0001

Peça com o monograma do Dr. Sousa Martins.

Piece with the monogram of Dr Sousa Martins.



Copo para lavagem dos olhos utilizado pelo Dr. Sousa Martins
Eye wash cup used by Dr Sousa Martins

Portugal, século XIX
Vidro soprado em molde
6 cm; Ø 3,5 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/PHH/9/0006

Clínico extraordinário, Sousa Martins tinha um fascínio pela ciência e estava permanentemente atualizado com os progressos que se faziam no estrangeiro.

An extraordinary clinician, Sousa Martins had a fascination with science and was constantly up-to-date with the progress being made abroad.

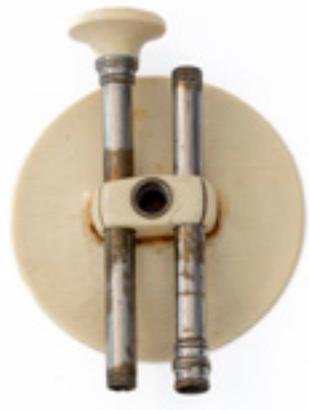


Estetoscópio monaural portátil do Dr. Sousa Martins
(para audição do foco fetal)
Dr Sousa Martins' portable monaural stethoscope
(to hear the foetal focus)

Portugal, 1880-1890
Marfim e inox
17 cm; Ø 6,5 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/PHH/7/0002.1

Esta peça foi oferecida pela D. Leonor,
irmã do Dr. Sousa Martins, ao Dr. Eugénio Mac-Bride.

*This piece was given by Mrs Leonor, Dr Sousa Martins' sister,
to Dr Eugénio Mac-Bride.*



**Par de martelos de reflexos usados
pelo Dr. Sousa Martins na Enfermaria
de São Miguel do Hospital de São José**

*Pair of reflex hammers used by Dr Sousa Martins in the
São Miguel Infirmary of the Hospital de São José*

Portugal, século XIX (final)

Borracha, ébano e inox

18 × 6,2 cm

17,2 × 6 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,

inv. CHLC/AMB/PHH/7/0001.1 e 0001.2

**“A sua qualidade primacial, como médico, era a de
ser um grande therapeuta, sabendo formular como
poucos. O exercido da Pharmacia durante alguns
annos serviu-lhe de poderoso auxiliar (...)” (Emílio
Fragoso, 1904)**

*“His main quality as a doctor was that he was a great
therapist, knowing how to formulate like few others.
His practice of pharmacy for some years was a powerful
aid to him (...)” (Emílio Fragoso, 1904)*



**Dr. Sousa Martins saindo da casa de
um doente, no Aterro, e entrando para
o trem do cocheiro Pardal**

*Dr Sousa Martins leaving a patient's
house in Aterro and getting on the train of
the coachman Pardal*

Portugal, século XIX

Fotografia sobre papel

11 × 13,5 × 1,1 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,

inv. CHLC/AMB/ADF/2/0084

**O cocheiro Pardal era muito conhecido
em Lisboa e faleceu, tal como o
Dr. Sousa Martins, de tuberculose
pulmonar.**

*The coachman Pardal was well known
in Lisbon and died, like Dr Sousa Martins,
of pulmonary tuberculosis.*



Formulário médico manuscrito pelo Dr. Sousa Martins
Medical form handwritten by Dr Sousa Martins

Portugal, século XIX
Manuscrito sobre papel, cabedal e cartão
9,5 × 7,5x 0,8 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/4/0063

**Formulário médico manuscrito
pelo Dr. Sousa Martins com
as anotações e descrições
do receituário de cada doente.**

*Medical form handwritten
by Dr Sousa Martins with notes
and descriptions of each patient's
prescription.*



**Caderneta da aula de Patologia Geral do curso
de Medicina lecionada pelo Dr. Sousa Martins**
*Notebook from the General Pathology class of the
Medicine course taught by Dr Sousa Martins*

Portugal, 1894-1895
Manuscrito e impresso sobre papel
16 × 11 × 2 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/4/0003

**Caderneta da aula de Patologia Geral do
Curso de 1894-1895. O Dr. Sousa Martins
distinguiu-se como um extraordinário professor
e era idolatrado pelos seus alunos. Júlio de
Matos define-o como “chefe espiritual”.**

*Dr Sousa Martins distinguished himself as
an extraordinary teacher and was idolised by
his students. Júlio de Matos described him as
“spiritual leader”.*



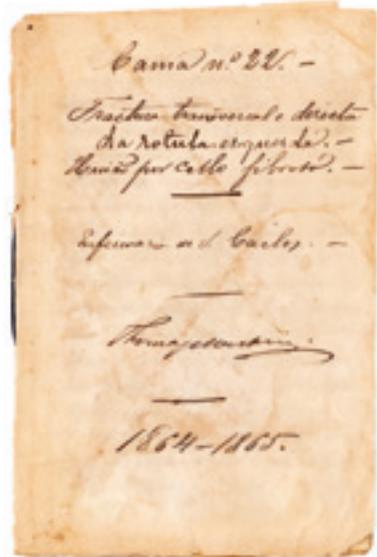
História de um doente, feita pelo punho do Dr. Sousa Martins: “Fractura transversal e directa da rótula esquerda – união por callo fibroso”

*A patient’s story from the wrist of Dr Sousa Martins:
“Transverse and direct fracture of the left patella – union by fibrous callus”*

Portugal, 1864- 1865
Manuscrito sobre papel
17,2 × 11,3 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/4/0079

“Como clínico, Sousa Martins era uma verdadeira sumidade. Observava minuciosamente os doentes pesquisando com grande sagacidade os diferentes elementos mórbidos, correlacionando-os cronologicamente e interpretando-os com tal mestria, que dificilmente se iludia” (João Jacintho da Silva Corrêa, 1904)

“As a clinician, Sousa Martins was a true luminary. He minutely observed his patients, researching the different morbid elements with great sagacity, correlating them chronologically and interpreting them with such mastery that it was difficult to be deceived” (João Jacintho da Silva Corrêa, 1904)



**Candelabro oferecido pelo Dr. Sousa Martins
Chamberstick given by Dr Sousa Martins**

Portugal, século XIX
Estanho
15 × 16,5 × 6,5 cm
Alhandra, Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins

Oferta de Dr. Sousa Martins a um amigo em Alhandra que o conservou como uma relíquia. Foi recentemente doado ao Museu de Alhandra para a exposição permanente na sala Dr. Sousa Martins

A gift from Dr Sousa Martins to a friend in Alhandra who kept it as a relic. It was recently donated to the Alhandra Museum for the permanent exhibition in the Dr Sousa Martins room.

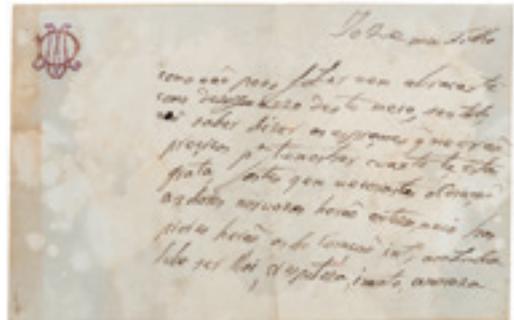


**Carta da mãe de Sousa Martins
(com monograma e envelope)
*Letter from Sousa Martins' mother
(with monogram and envelope)***

Maria das Dôres Sousa Martins
Portugal, 1881
Manuscrito sobre papel
11,3 × 18 cm (carta)
11 × 17,2 cm (envelope)
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/4/0080

**"A mãe tratava-o sempre como se elle fosse
ainda o seu pequeno a quem acariciava,
ralhava, governava (...). O filho, submisso
e dócil aceitava sorrindo as ordens, os
pequenos caprichos tão tocantes, as decisões
autocráticas que tinham a maior graça (...)"
(Maria Amália Vaz de Carvalho, 1904)**

*"His mother always treated him as if he were
still her little one, whom she caressed, scolded
and governed (...). Her son, submissive and docile,
smilingly accepted her orders, her touching little
whims, her autocratic decisions that were so
funny (...)" (Maria Amália Vaz de Carvalho, 1904).*



Dr. Sousa Martins participando na expedição à Serra da Estrela
Dr Sousa Martins taking part in an expedition to Serra da Estrela

Alfredo César Henriques
Portugal, 1881
Fotografia sobre papel
18,5 × 12,5 cm
Alhandra, Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins,
inv. R-92-1653



Fotografia dos médicos na expedição da Serra da Estrela em 1881 (Carlos Tavares, Sousa Martins e Emídio Navarro), publicada no livro Quatro dias na Serra da Estrela, de Emídio Navarro, 1884. Fotografia de Alfredo César Henriques, o primeiro doente tuberculoso, curado na Serra da Estrela, e responsável pela edificação da primeira Casa de Saúde para tuberculosos em Portugal, em 1889.

Photograph of the doctors on the Serra da Estrela expedition in 1881 (Carlos Tavares, Sousa Martins and Emídio Navarro), published in the book Quatro dias na Serra da Estrela, by Emídio Navarro.

Duas cartas do Dr. Sousa Martins
Two letters from Dr Sousa Martins

Portugal, 1881
Manuscritos sobre papel
20,9 × 13,7 cm (sem monograma)
20,6 × 12,7 cm (com monograma)
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/AMB/ADF/4/0082 e
CHLC/AMB/ADF/4/0081



Duas cartas do Dr. Sousa Martins enviadas do acampamento da Serra da Estrela para a sua mãe.

Two letters from Dr Sousa Martins to his mother from the Serra da Estrela camp.

Sousa Martins considerado santo

Sousa Martins considered a saint

Portugal, 1881

Litografia sobre papel

32,5 × 23,5 cm

Lisboa, Museu Bordalo Pinheiro,

inv. MRBP.GRA.3056. Publicada na revista

O António Maria, 18 de agosto de 1881, p. 262.



Em 1881 foi organizada pela Sociedade de Geografia uma grande expedição científica à Serra da Estrela, que visava o estudo e o aprofundamento de conhecimentos sobre a região serrana e a sua população. Incluía, para além de médicos, geógrafos, antropólogos, físicos, biólogos, etc..

Os médicos que participaram tinham como função realizar estudos de climatologia médica, e davam consultas de obséquio aos doentes que necessitassem. Olhada com desconfiança no início (corriam boatos entre a população de que se estava a preparar a vinda de espanhóis ou franceses para uma guerra, de que estava na Serra da Estrela, para ser proclamado rei, o filho do príncipe D. Miguel, etc.), a expedição foi adquirindo a confiança dos serranos, e para isso muito contribuiu a ação dos médicos, com as consultas e os remédios gratuitos. Sousa Martins, refere o Diário de Notícias da época, logo se distinguiu no modo delicado como tratava aquela gente – receitava, operava, aviava receitas fazendo pílulas e cataplasmas. Chegaram a considerá-lo santo. Na sua edição de 3 de setembro de 1881, o Diário de Notícias descreve-nos, senão o primeiro “milagre” de Sousa Martins, o primeiro a ser publicado:

“Outra manhã, Sousa Martins contentíssimo porque tinha obtido a série de observações que desejava, e dominado por uma alegria infantil, extraiu, gracejando e cantarolando, um enorme lypano que uma pobre mulher tinha num ombro, com tal rapidez e precisão que quando a operada lhe perguntou se lhe causaria muitas dores extração, Martins respondeu, animando-a:

– Não tenha receio, mulherzinha: não lhe dói absolutamente nada... porque... Já lá não o tem. Isto é que poderia parecer às mulheres arte diabólica, mas não pareceu, porque as que assistiram à operação chamavam-lhe santo e exclamavam: – Isto é até mesmo um milagre!”

De facto, esta lenda espalhou-se e chegou a Lisboa, o que logo despertou o comentário jocoso de Rafael Bordalo Pinheiro, publicado na sua revista *O António Maria*.

A sua popularidade como milagreiro foi muito grande na Serra da Estrela. Já no fim da sua vida (em 1897), quando Sousa Martins, doente, vai em repouso para a Serra da Estrela, de novo a população recorre às suas consultas ou simplesmente para vê-lo, com a certeza de que bastava isso para se curar.

This legend spread and reached Lisbon, which soon aroused the jocular comment of Rafael Bordalo Pinheiro, published in his magazine O António Maria.

Retrato do Dr. Sousa Martins como professor catedrático
Portrait of Dr Sousa Martins as a university professor

Portugal, século XIX
Fotografia sobre papel
14 x 10 cm
Alhandra, Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins

Retrato do Dr. Sousa Martins com a toga, como irá ser representado na estátua em Lisboa, para realçar a figura de professor e de médico.

Portrait of Dr Sousa Martins with the toga, as he will be represented in the statue in Lisbon, to highlight the figure of professor and doctor.



Dr. Sousa Martins e a sua irmã Maria Leonor passeando em Veneza
Dr Sousa Martins and his sister Maria Leonor strolling in Venice

Itália, 1897
Fotografia sobre papel
45 x 52 x 3 cm
Alhandra, Museu de Alhandra – casa Dr. Sousa Martins, inv. R-92-1463



Fotografia de Sousa Martins e sua irmã, Maria Leonor, em Veneza, em 1897, quando Sousa Martins foi nomeado representante de Portugal no Congresso Internacional em Veneza, para o estudo da peste bubónica. Foi publicada na *Ilustração Portuguesa*, ano 1, n.º 18, 7 de março de 1904, p. 275.

Photograph of Sousa Martins and his sister, Maria Leonor, in Venice in 1897, when Sousa Martins was appointed Portugal's representative at the International Congress in Venice.

Bengala do Dr. Sousa Martins
Dr Sousa Martins' walking stick

Portugal, século XIX (década 1890)
Madeira e latão
90 cm; Ø 1,7 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/ART/5/0001

Bengala que serviu o Dr. Sousa Martins, quando, doente, se recolheu em Alhandra e aí passou os últimos dias da sua vida.

The walking stick that Dr Sousa Martins used when he was ill and retired to Alhandra to spend the last days of his life there.



Ilustração Portuguesa
Ilustração Portuguesa

Portugal, 1904
Gravura sobre papel publicada na *Ilustração Portuguesa*,
ano 1, n.º 18, 7 de março de 1904
40 x 30 cm
Lisboa, Hemeroteca Municipal de Lisboa, inv. Res. 33

**Número da *Ilustração Portuguesa* dedicado
à inauguração da estátua de Sousa Martins
no Campo dos Mártires da Pátria.**

*Issue of Ilustração Portuguesa dedicated to the
inauguration of the statue of Sousa Martins in Campo
dos Mártires da Pátria.*



**Registo do interior da casa
do Dr. Sousa Martins em Lisboa**
Interior of Dr Sousa Martins' home in Lisbon

Portugal, 1904
Fotografia sobre papel
40 x 30 cm
Publicada na *Ilustração Portuguesa*, ano 1, n.º 18,
7 de março de 1904, p. 278.

**Imagens da última casa que o Dr. Sousa Martins
habitou em Lisboa – quarto, sala de visitas, sala
das consultas e sala de espera para as consultas.**

*Images of Dr Sousa Martins' last home in Lisbon –
bedroom, drawing room, consulting room and waiting
room for appointments.*



**Reportagem sobre a inauguração do
monumento ao Dr. Sousa Martins em Lisboa**
*Article on the inauguration of the monument to
Dr Sousa Martins in Lisbon*

Portugal, 1904
Fotografia sobre papel
40 x 30 cm
Publicada na *Ilustração Portuguesa*, ano 1, n.º 18,
7 de março de 1904, p. 285.

**Antevisão da inauguração do 2º monumento
erguido ao Dr. Sousa Martins, no dia 7 de março
de 1904, acompanhado por uma cronologia de
fotografias do médico.**

*Preview of the inauguration of the 2nd monument
erected to Dr Sousa Martins on 7 March 1904,
accompanied by a chronology of photographs of the
doctor.*



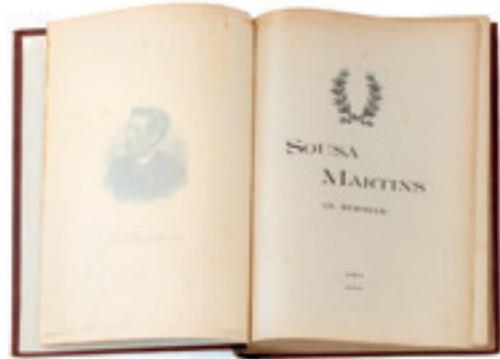
Livro Sousa Martins In Memoriam
Book Sousa Martins In Memoriam

Portugal, 1904
Impressão sobre papel
29,8 × 23 cm
Lisboa, Unidade Local de Saúde São José,
inv. CHLC/MD/ADF/5/0115

Livro que reúne testemunhos de homenagem a Sousa Martins de 55 amigos e colegas, escritos após a sua morte.

"Este livro é um altar sacrosanto, – e nelle não fora lícito malsinar as intenções de qualquer offerenda, por mais extranha que na fôrma se nos afigure Numerosos e pressurosos acudiram aqui os devotos, alumiados todos pela mesma fé, na piedosa romaria de uma apotheose. Em particularidades minimas, em minucias de somenos alcance, fortuitamente (e só quiçã muito fortuitamente) parecerã porventura haver discrepancias nesses romeiros. Mas o que para todos elles representa unidade inquebrantável, e muito significativa, é a incondicional veneração com que todos thuribulam a imperecível memoria do ausente." (*In Memoriam*, 1904)

Book that gathers testimonies in honour of Sousa Martins from 55 friends and colleagues, written after his death.



Caricatura sobre a inauguração da estátua dedicada ao Dr. Sousa Martins em Lisboa
Cartoon about the inauguration of the statue dedicated to Dr Sousa Martins in Lisbon

Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905)
Portugal, 1900
Litografia sobre papel
34,2 × 24,9 cm
Lisboa, Museu Bordalo Pinheiro, inv. MRBP.1900.04.25.
Publicada em *A Paródia*, n.º 15, 25 de abril 1900, p. 119

Caricatura que atesta o grande descontentamento provocado pela estátua que Queirós Ribeiro realizou para o Campo Mártires da Pátria em Lisboa. Imediatamente após a inauguração, os amigos de Sousa Martins quotizaram-se para promover a execução de um novo monumento, sendo escolhido o escultor Costa Motta (tio).

Caricature attesting to the great discontent caused by the statue Queirós Ribeiro made for Campo Mártires da Pátria in Lisbon.



Inauguração do primeiro monumento dedicado ao Dr. Sousa Martins no Campo dos Mártires da Pátria, da autoria do escultor Queirós Ribeiro

Inauguration of the first monument dedicated to Dr Sousa Martins in Campo dos Mártires da Pátria, by sculptor Queirós Ribeiro

José Artur Leitão Bácia (1873-1945)

Portugal, 1900

Fotografia sobre papel

13 × 18 cm

Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Fotográfico, inv. BAR/000915

Representa o médico sentado, como se estivesse a lecionar, segurando um livro. Por baixo surge uma jovem, alegoria da Gratidão, cujas vestes e oferta singelas parecem querer recordar o trabalho de Sousa Martins junto das camadas populares. Entre as duas figuras, uma coluna ladeada por duas bicas de água completava o conjunto escultórico. Fortemente contestada, esta estátua vai ser demolida para dar lugar a um novo monumento, da autoria de Costa Motta (tio), inaugurada em 1904.

Strongly contested, this statue was demolished to make way for a new monument by Costa Motta (uncle), inaugurated in 1904



Os monumentos dedicados a Sousa Martins, erguidos em Lisboa (projeto do escultor Queirós Ribeiro em 1900 e Costa Motta (tio) em 1904), Guarda (busto do escultor Costa Motta (tio), inaugurado em 1907) e Alhandra (busto de Costa Motta (tio) inaugurado em 1908) representam o reconhecimento institucional do cientista e do intelectual Sousa Martins, mas têm servido também como locais de confirmação e difusão do culto, usados para colocação de flores, lâpidos, velas e ex-votos.

The monuments dedicated to Sousa Martins, erected in Lisbon (designed by the sculptor Queirós Ribeiro in 1900 and Costa Motta (uncle) in 1904), Guarda (bust by the sculptor Costa Motta (uncle), inaugurated in 1907) and Alhandra (bust by Costa Motta (uncle) inaugurated in 1908) represent institutional recognition of the scientist and intellectual Sousa Martins, but have also served as places to confirm and spread the cult, used to place flowers, tombstones, candles and ex-votos.

Monumento dedicado ao Dr. Sousa Martins no Campo dos Mártires da Pátria em Lisboa, da autoria de Costa Motta (tio), inaugurado em 1904

Monument dedicated to Dr Sousa Martins in Campo dos Mártires da Pátria in Lisbon, by Costa Motta (uncle), inaugurated in 1904

Leonor Wagner Alvim
Portugal, 2024
Fotografia digital

Representa o médico de pé, numa atitude de orador perante uma audiência, envergando a toga de professor. A figura alegórica representa a Academia, sentada, encarando Sousa Martins em jeito de reconhecimento, enquanto segura um livro.

It depicts the doctor standing in an oratorical attitude before an audience, wearing a professor's toga. The allegorical figure represents the Academy, seated, looking at Sousa Martins in recognition, while holding a book.



Monumento na Guarda dedicado ao Dr. Sousa Martins da autoria de Costa Motta (tio), inaugurado em 1907
Monument in Guarda dedicated to Dr Sousa Martins by Costa Motta (uncle), inaugurated in 1907

Leonor Wagner Alvim
Portugal, 2024
Fotografia digital

Fotografia do busto do Dr. Sousa Martins, na cidade da Guarda, da autoria de Costa Motta (tio), inaugurado pela Família Real, a 18 de maio de 1907, aquando da inauguração do Sanatório Sousa Martins. O busto foi inicialmente colocado no interior do edifício, mas em data desconhecida foi deslocado para o exterior, para permitir a separação do carácter científico do edifício das práticas votivas em torno da figura de Sousa Martins.

The bust was initially placed inside the building, but at an unknown date it was moved outside to allow the scientific nature of the building to be separated from the votive practices surrounding the figure of Sousa Martins.



Monumento em Alhandra dedicado ao Dr. Sousa Martins, da autoria de Costa Motta (tio), inaugurado em 1908
Monument in Alhandra dedicated to Dr Sousa Martins, by Costa Motta (uncle)

Leonor Wagner Alvim
Portugal, 2024
Fotografia digital

Busto colocado no atual largo 7 de março (data do nascimento de Sousa Martins).

Bust placed in what is now 7 March Square (date of birth of Sousa Martins).



Modelo com efígie do Dr Sousa Martins

Model with effigy of Dr Sousa Martins

José Simões de Almeida (1844-1926)

Portugal, 1898

Gesso e bronze

Ø 40 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/ART/4/0004



Modelo executado após a morte do Dr. Sousa Martins, para a produção de medalhas e outras peças de homenagem e consagração como médico, professor e cientista.

Model made after the death of Dr Sousa Martins, for the production of medals and other pieces to honour and consecrate him as a doctor, teacher and scientist.

Escultura do Dr. Sousa Martins, alvo de devoção popular

Sculpture of Dr Sousa Martins, subject to popular devotion

Portugal, século XX

Cerâmica policromada

67 × 30 × 18 cm

Alhandra, Jazigo da família Sousa Martins

Imagem do Dr. Sousa Martins, proveniente do jazigo da família Sousa Martins, no Cemitério de Alhandra, lugar muito especial e de grande devoção. A imagem está coberta de terços oferecidos nos dias em que o jazigo é aberto para veneração: 7 de março e 18 de agosto.

An image of Dr Sousa Martins, from the Sousa Martins family grave in Alhandra Cemetery, a very special place of great devotion.



Retrato do Dr. Sousa Martins vendido como pagela religiosa
Portrait of Dr Sousa Martins sold as a religious prayer card

Portugal, século XX
Gravura sobre papel
14,2 × 9 cm

Bilhete com inscrição "Fotografia do Dr. Sousa Martins que se vendem numa loja, na Rua Barros Queiroz, ao lado da do Padre Cruz e de outros que se dizem santificados..."

Manuscript with inscription "Photograph of Dr Sousa Martins sold in a shop in Rua Barros Queiroz, next to that of Father Cruz and others who claim to be sainted..."

Portugal, c. 1950 (?)

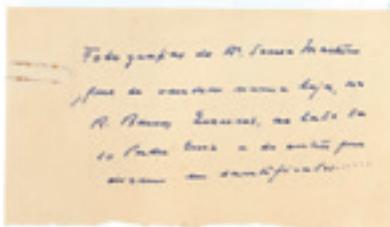
Manuscrito sobre papel

9,1 × 15,5 cm

Lisboa, Unidade Local de Saúde São José, inv. CHLC/AMB/ADF/4/0078

Fotografia de Sousa Martins que se vendia junto de imagens de outros santos e que comprova a florescente devoção popular. Foi oferecida a Sofia Mac-Bride Fernandes, filha do Dr. Gregório Fernandes, o grande amigo do Dr. Sousa Martins.

A photograph by Sousa Martins, which was sold alongside images of other saints and proves the flourishing popular devotion.



Estatuetas, medalhas e pagelas do Dr. Sousa Martins

Dr Sousa Martins' statuettes, medals and prayer-cards

Portugal, século XX

Papel, cartão e poliéster

Várias dimensões

Coleção Fernando Santos e Amélia Dias e coleção particular

Estatuetas e busto de Sousa Martins com a iconografia com que é evocado pelos seus crentes: com a beca de doutoramento, aludindo ao cientista e ao prestígio académico, ou como médico, tal como se distinguiu nas consultas que dava aos mais pobres.

São pequenas estatuetas colocadas pelos devotos nos pequenos oratórios em casa, muitas vezes acompanhados de outros santos (canonizados ou não pela Igreja, como o Santo Padre Cruz, a Sãozinha de Alenquer, a Santa Filomena, etc.)

Pagelas e orações que os crentes levam consigo e que representam o Dr. Sousa Martins, assegurando a sua presença e constante proteção.

Pagelas and prayers that believers carry with them and which represent Dr Sousa Martins, ensuring his presence and constant protection.



Placas de ex-voto dirigidas ao Dr. Sousa Martins, provenientes do cemitério de Alhandra
Ex-voto plaques to Dr Sousa Martins, from the Alhandra cemetery

Portugal, século XX
Mármore
Várias dimensões
Alhandra, Cemitério Municipal

Nos monumentos de Lisboa e da Guarda, assim como no cemitério em Alhandra, os crentes colocam lápides de agradecimento ao Dr. Sousa Martins, que funcionam também como manifestação pública do poder da sua intervenção.

At the monuments in Lisbon and Guarda, as well as at the cemetery in Alhandra, believers are placing tombstones to thank Dr Sousa Martins, which also serve as a public demonstration of the power of his intervention.



***reliquias?* o padre Cruz.**

O padre Cruz, a caminho dos altares já canonizado em vida pelos seus devotos

António Júlio Limpo Trigueiros, SJ

A vida de Francisco Rodrigues da Cruz (1859-1948), consagrado na devoção popular, e até na toponímia, como o *Santo Padre Cruz* configura um exemplo extraordinário de figura de sacerdote, com uma vida que, pela sua longevidade, atravessou três distintas etapas com diferentes enquadramentos político-sociais na experiência religiosa católica em Portugal. Da estabilização do liberalismo político vigente na monarquia constitucional e da crise desse regime, passando pelo triunfo da revolução republicana e do republicanismo liberal e parlamentar e pela crise da 1ª República, culminando, por fim na Ditadura Militar iniciada em 1926 que acabou por desembocar no regime ditatorial do Estado Novo – esses foram os cenários em que se desenrolou a vida do hoje Servo de Deus. Uma vida que espelha as inquietações, devoções e práticas religiosas de um país em mutação, desde a segunda metade de Oitocentos à primeira metade do século XX.

Francisco Rodrigues da Cruz nasceu no dia 29 de julho de 1859 na vila de Alcochete, situada na margem esquerda do rio Tejo, quase em frente de Lisboa, no seio de uma família católica abastada. Aos nove anos veio para Lisboa, para estudar em diferentes colégios, e desde criança que desejava ser sacerdote. Em 1875 com 16 anos, partiu para Coimbra, onde foi cursar a Faculdade de Teologia, concluindo a formatura em 1880, tendo apenas 21 anos incompletos. No último ano do curso, 1879-1880, aconselhado por um condiscípulo já sacerdote, que entrou na Companhia de Jesus, inscreveu-se na Congregação Mariana de Universitários, que veio a marcar uma mudança radical na sua vida. Nas férias do Natal de 1879, fez a sua confissão geral ao jesuíta Franco Sturzo, reitor do Colégio de Campolide (Lisboa), e a partir de então começou a confessar-se todas as semanas.

Terminados os estudos universitários, foi ensinar filosofia no Seminário de Santarém. Durante mais de um ano atravessou forte crise de escrúpulos, chegando a confessar-se

mais de uma vez por dia. Todavia, comungava diariamente. Nessa altura sobreveio-lhe um grande esgotamento, que sempre o haveria de martirizar.

No seminário, em 3 de junho de 1882, aos 23 anos, foi ordenado presbítero, não obstante o receio de não poder suportar a longa cerimônia da ordenação. Por causa da fadiga cerebral que se ia agravando, previa que teria de interromper o magistério no Seminário. Em 1886, aceitou o convite para diretor dos Órfãos do Colégio de São Caetano, em Braga. A sua saúde, porém, era tão precária que celebrava missa com dificuldade e até foi dispensado de rezar o Breviário. Além das tarefas do Colégio, o Padre Cruz dedicava-se a visitar os doentes e a socorrer os pobres da cidade. Solicitou encarecidamente aos Padres Salesianos que se encarregassem da direção do Colégio. O superior dos salesianos refere-se então a ele como: “um verdadeiro santo, modelo de humildade, de obediência e de piedade. Em Braga é chamado o *Padre Santo*, e basta vê-lo para ficar edificado”.

Em 1895, o Padre Cruz foi nomeado diretor espiritual do Seminário Menor do Patriarcado, na Quinta do Farrobo, perto de Vila Franca de Xira. Como fazia em Braga, agora saía pelos arredores a visitar os doentes, levando-lhes os auxílios espirituais e até fazendo por vezes de enfermeiro. No ano seguinte, os seminaristas transferiram-se para São Vicente de Fora, em Lisboa, e o Padre Cruz acompanhou-os, como diretor espiritual. Deixou este cargo em 1903, mas continuou a residir em São Vicente de Fora até 1910.

Entretanto, dedicava-se a intenso apostolado principalmente na igreja anexa no Seminário, onde confessava e pregava, no “Conventinho” das Religiosas Clarissas, situado na proximidade, e nas cadeias do Limoeiro (prisão de homens) e das Mónicas (prisão de mulheres).

Liberto do cargo de diretor espiritual do seminário, entregou-se inteiramente ao apostolado de missionário itinerante. Acompanhava o Cardeal-Patriarca D. José Neto nas visitas pastorais. Fazia a preparação durante três dias, pregando sobre a confissão, comunhão e crisma. Chamavam-lhe “São João Baptista precursor”. Era incansável no confessionário. Em todas as freguesias erigia a Via Sacra, fazia-a todos os dias com os fiéis e fundava o Apostolado da Oração. Todos os dias rezava o terço com o povo e recomendava-o muito nas pregações. Era também este programa que seguia rigorosamente nas visitas pastorais do Cardeal-Patriarca D. António Mendes Belo.

Implantada a República em 1910, desencadeou-se feroz perseguição contra a Igreja em Portugal. O Padre Cruz esteve duas vezes preso. Afonso Costa, ministro da Justiça, concedeu-lhe, no entanto, um salvo-conduto, para que nunca mais o molestassem no futuro. Contudo, nesse período de turbulência aconteceu que por vezes se visse

assediado por arruaceiros, mas com frequência aparecia logo um antigo recluso do Limoeiro a protegê-lo, gritando: "Olhem que é o Padre Cruz! Não lhe façam mal!". E os antigos presos acompanhavam-no até ao lugar a que se dirigia. Apesar de estar proibido que os padres usassem traje eclesiástico em público, o Padre Cruz andou sempre de **batina**. Nesses tempos difíceis continuou, porém, a visitar os presos e os doentes, e a socorrer os pobres.

Depois da morte de seu pai em 1910, deu tudo o que lhe pertencia da herança à sua irmã Isabel. De seus irmãos recebia o necessário para se vestir. Após a implantação da República, o Padre Cruz não tinha morada certa, ora ficava em casa do irmão José, ora em casa de seu irmão Antônio. Nessa altura, já costumava com a simplicidade, que lhe era peculiar, pedir de comer em alguma casa amiga que ficasse perto do local, onde nesse dia tivesse ido em serviço religioso. Desde 1910, começou a aparecer na casa das senhoras Caldas Machado, no Largo do Caldas, onde às vezes passava a noite, para de madrugada ir celebrar a missa no Convento das Clarissas do Desagravo. A 3 de novembro de 1927, foi acolhido na casa das senhoras Caldas Machado com uma broncopneumonia, chegando a receber a Santa Unção dos doentes. A partir da grave doença, ficava sempre nessa casa, quando estava em Lisboa. O palacete das senhoras Caldas Machado tinha capela com o Santíssimo Sacramento. O Padre Cruz chamava-lhe "o seu cantinho". Mas pouco lá parava, movimentando-se por todo o país na sua vida de missionário itinerante.

O Padre Cruz, desde 1912 até 1921, exerceu intensa atividade apostólica como confessor e diretor espiritual da Casa de Saúde das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, na Idanha, perto de Lisboa. Fundou a Liga da Boa Morte. Nela cada associado prometia, "quando estiver doente, não receber a terceira visita do médico, sem diligenciar receber os Santos Sacramentos da Igreja".

Por sua iniciativa, instituiu-se a União Apostólica do Clero. Foi diretor da associação muitos anos. Nas reuniões, em que nunca faltava, traçava com todo o ardor o programa da vida sacerdotal: "*confessar*, enquanto houver pecadores ao pé do confessor; *pregar*, enquanto houver ouvintes no templo; e *rezar*, até não poder mais". As suas palavras eram a expressão clara da vida sacerdotal total e exclusivamente dedicada à salvação das almas.

Foi diretor da Congregação de Maria Imaculada e Santa Inês durante a expulsão dos Jesuítas de Portugal e, quando eles regressaram a Lisboa em 1926, restituiu-lhes o lugar de diretor da congregação.

O Cardeal-Patriarca D. Antônio Mendes Belo quis nomear o Padre Cruz para cônego da Sé Patriarcal. Mas o Padre Cruz, em carta de 27 de março de 1925, suplica-lhe que desista do projeto. Expõe claramente o que tem sido a sua vida de missionário:

“Há muitos anos que eu me sinto atraído, talvez por especial vocação da misericórdia de Deus Nosso Senhor, para ajudar espiritualmente os presos das cadeias, os doentes dos hospitais, os pobrezinhos e abandonados, e tantos pecadores e almas desamparadas que Nosso Senhor me envia, ou põe no meu caminho. Também tenho grande consolação em ajudar os reverendos párocos nos exercícios de piedade e mais encargos do santo ministério”. O Patriarca acedeu à sua vontade. De todas as partes do país o Padre Cruz recebia esmolas, algumas avultadas, para distribuir pelos pobres. Muito dinheiro lhe passou pelas mãos, mas nunca utilizou esse dinheiro em benefício próprio. As esmolas que lhe davam, sempre as levava a casa dos pobres, aos hospitais e prisões.

Visitava assiduamente os bairros pobres de Lisboa, levando conforto a tanta miséria. O Dr. Augusto de Castro, diretor do *Diário de Notícias*, publicou neste jornal, de 21 de novembro de 1941, um artigo de fundo, intitulado “O homem que venceu a vida”, onde exalta particularmente a caridade do Padre Cruz. Salienta-se esta passagem expressiva: o Padre Cruz “deu tudo. Dá todas as horas da sua vida, de hospital em hospital, de miséria em miséria, de dor em dor, para confortar os que sofrem e animar os que desesperam. Há cinquenta anos que a sua existência é uma dádiva constante. Pede para todos. É um mendigo da caridade. E a sua sombra benfazeja passa entre os homens como uma bênção. Não há lar triste que o não conheça. Não há desamparo a cujo apelo ele não tenha corrido”.

O Padre Cruz desenvolveu constante e prodigioso apostolado com os presos da cadeia do Limoeiro, de Lisboa. O *Diário da Tarde*, de 23 de junho de 1926, publicou um artigo com o título “O Missionário do Limoeiro”. Os presos consideram o Padre Cruz um santo. Efetivamente, ele pede esmolas e serve de procurador dos que vivem no Limoeiro. Procura saber o que cada um precisa e reparte quanto pode até esvaziar o seu **saquito de esmolas**. Terminada a visita, percorre numa azáfama cartórios, insiste para que se apresse tal julgamento, parlamenta com as partes acusatórias.

Em missões e tríduos o Padre Cruz percorreu o país de lés a lés, sem olhar a fadigas nem sacrifícios. Na assídua correspondência com sua irmã Isabel deu, muitas vezes, a notícia das terras, por onde andava em atividades apostólicas. Visitou a ilha da Madeira, em abril de 1942, e as ilhas dos Açores, em agosto do mesmo ano. Nunca deixava de visitar as cadeias e os hospitais das localidades, quando ali estava em serviço religioso. Na pregação visava diretamente o essencial e esclarecia-o com exemplos e imagens numa linguagem simples e acessível. As multidões acorriam a ouvi-lo. Era frequente o povo não caber nas igrejas e ter de ficar no adro, só para ouvir o pregador. Mesmo quando o não ouviam, comoviam-se só de o verem.

No Domingo de Páscoa, a 9 de abril de 1944, proferiu na Emissora Nacional de Radiodifusão uma alocução, versando o tema da Confissão, assunto de que tratava

com particular insistência. A palestra radiofônica é o exemplo emblemático da pregação do Padre Cruz, singelo, prático e repassado por um espírito de fé que impressionava e convertia. Começa por apresentar um homem que recusa a Confissão e vem ao seu encontro. Faz-lhe várias perguntas a fim de o despertar para as realidades espirituais. Numa linguagem simples e acessível demonstra a eficácia da frequência da Confissão e Comunhão.

Na missa fazia sempre a homilia. Nas suas habituais visitas ao Lausperene (exposição do Santíssimo Sacramento), aproveitava a oportunidade para dizer “duas palavrinhas”, como ele próprio anunciava. A sua pregação, embora desprovida dos requisitos literários, arrebatava sempre pela simplicidade e pelo fulgor das imagens e comparações expressivas.

O Padre Cruz era incansável no ministério da confissão. Quando ia a uma freguesia pregar, a sua maior preocupação era que não ficasse ninguém por confessar. Aos doentes que não podiam ir à igreja, procurava-os em casa, não excluindo sequer os que recusavam os serviços espirituais do pároco ou qualquer outro sacerdote. Numa aldeia encontrava-se em estado gravíssimo um homem que há mais de 50 anos não recebia os sacramentos. Todos os sacerdotes que dele se aproximavam, vinham corridos e acabavam por desistir. Contaram-lhe o caso. Apesar da hostilidade, não hesitou em visitá-lo. Entrou no quarto do doente e ouviu-o de confissão.

Uma vez tendo ido pregar a uma freguesia, todos se confessaram menos um homem. Apenas soube que este andava a trabalhar num campo, passou por lá e disse-lhe: “confesso-o aqui mesmo!”. E ali o confessou à beira da estrada. Confessou muitos homens no comboio e nos lugares mais variados. Em certa ocasião recorreu a um médico para receber uma injeção. Como sabia que ele, desde há muitos anos não se confessava, no final disse-lhe: “Não sei como lhe hei-de pagar, mas posso ouvi-lo de confissão...” E confessou o médico. Se lhe constava que em tal terra havia um pecador que só a ele se confessaria, nada conseguia retê-lo, nem a distância, nem os incômodos da viagem, nem o mau tempo. Efetivamente, o Padre Cruz exerceu uma extraordinária influência sobrenatural não só na gente humilde e ignorante, mas ainda nas pessoas cultas e de categoria social. Graças à sua profunda e decisiva influência, converteu homens ilustres e intelectuais: o escritor Manuel Ribeiro, o filósofo Leonardo Coimbra, o conselheiro Luís de Magalhães. Além destes convertidos, muitos outros afastados de Deus, por seu intermédio, também foram reconduzidos à fé e frequência dos sacramentos.

O Padre Cruz publicou o **opúsculo *Orações Diversas***, que constava de orações na maioria indulgenciadas. Algumas orações são da sua autoria. Em 1925, imprimiram-se 30.000 exemplares desse livrinho. Em 1938, já estava na 20.^a edição e em cada nova

edição, “ele ia sempre acrescentando alguma oração a mais”. Difundiu largos milhares de pagelas e estampas, entre as quais é de salientar a *Via Sacra*, também da sua autoria.

A vida do Padre Cruz eminentemente sacerdotal centrava-se na missa, que celebrava com tanta piedade e fervor que vivamente emocionava a quantos a ela assistiam. Na celebração, de ordinário, chegava a comover-se e a chorar convulsivamente, entrando por vezes em êxtases. Quando estava doente, o seu maior desgosto era já não ter forças para celebrar missa.

Procurou por todos os meios propagar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Pregou muitos tríduos e festas, e também fez entronizações do mesmo sagrado coração em muitas casas particulares. Nas freguesias, aonde ia em ministérios apostólicos, costumava instituir o Apostolado da Oração.

Assinalava-se na fervorosa devoção à Via Sacra. Esta era um dos seus exercícios de piedade que mais preferia e fazia todos os dias, quer sozinho quer nas igrejas, nas capelas das casas particulares e até nos comboios. Neste exercício de piedade habitualmente derramava abundantes lágrimas. Escreveu e imprimiu uma *Via Sacra* que divulgou por todo o país.

Manifestava especialíssima devoção ao Sagrado Lausperene. Salientava-se pela sua constante presença nas igrejas onde estava exposto o Santíssimo Sacramento. Esta foi uma das suas devoções que o tornou mais popular. Uma vez, disse a uma velhinha que lhe perguntou onde morava: “Querendo-me procurar, eu estou onde estiver o Sagrado Lausperene, quando estou em Lisboa”. Era tão fervorosa a sua devoção em visitar o Lausperene, que quando estava doente, e não podia sair, pedia à família ou algum amigo para lá irem em seu lugar.

O Padre Cruz assinalou-se pela fervorosa devoção a Nossa Senhora. Em toda a sua vida apreciou particularmente ser “filho de Maria”, congregado de Nossa Senhora. Mostrou sempre grande afeto e dedicação pelas congregações marianas. Gostava muito de pregar sobre Nossa Senhora, com tal “devoção e extraordinário amor”, que ficaram na lembrança as suas práticas. As contas do **terço** deslizavam-lhe constantemente entre os dedos. Percorria os caminhos a rezar tão habitualmente que chegava a medir as distâncias pelos terços que nelas demorava.

Acompanhava com fervor as peregrinações aos santuários marianos, incorporando-se na multidão como qualquer peregrino. Assim foi em peregrinação ao Sameiro (Braga), Senhora da Penha (Guimarães), Monte da Virgem (Porto), Senhora da Agonia (Viana do Castelo), e a Nossa Senhora da Atalaia, sobranceira ao Montijo, perto da sua terra natal.

A devoção do Padre Cruz a Fátima merece especialíssima menção, pois a este santuário tantas vezes se dirigiu como peregrino. Antes das aparições, foi a Fátima em

certa ocasião ajudar o pároco na preparação das crianças para a primeira comunhão. Na véspera da festa encontrou na igreja uma menina a chorar, porque, tendo sete anos incompletos, o pároco não deixava que ela fosse à comunhão. Interessou-se pelo caso e bondosamente a examinou sobre a doutrina, concluindo que a criança podia comungar. O pároco anuiu e no dia seguinte o Padre Cruz dava a comunhão à pequenita Lúcia, a futura vidente de Fátima. Na época das aparições, mostrou-se vivamente interessado por tudo o que estava acontecendo em Fátima. Resolveu entrevistar os três pastorinhos videntes. Acompanhado por um sacerdote amigo, chegou a Fátima em junho ou julho de 1917. Acolheu as crianças e fez-lhes várias perguntas sobre as aparições e depois pediu-lhes que o levassem ao lugar onde Nossa Senhora apareceu. A caminho da Cova da Iria, no percurso foi ensinando às crianças uma ladainha de pequenas orações e jaculatórias. Aos pés da azinheira o Padre Cruz ajoelhou e rezou com os videntes o terço. Achou tanta inocência e simplicidade nas três crianças, que nem sequer lhes falou da confissão. Gostava muito de ir a Fátima, para atender de confissão os peregrinos, principalmente os que nunca a tivessem feito ou que desde há muito tempo a não faziam.

O Padre Cruz salientou-se na extraordinária devoção ao Escapulário de Nossa Senhora do Carmo. Distribuiu milhares de **escapulários** com a intenção de afervorar a confiança em Nossa Senhora e estimular a prática religiosa. Quando era chamado para doentes rebeldes, ele próprio declarou que primeiro impunha o **escapulário** às pessoas de família e no fim ao doente. Em seguida, atendia-o de confissão; mas sem lhe dizer a palavra “confissão”. Não perdia nenhuma ocasião de impor o **escapulário**, fosse a quem fosse. Assiduamente o impunha nas viagens de comboio, e entregava logo a **medalha** para o substituir.

Muitas vezes participou nas peregrinações a Lourdes e a Roma. Nas grandes manifestações era habitualmente esperada a sua comparência. Todos o conheciam: alto de estatura, olhar de doçura, rosto sorridente e irradiante de simpatia e bondade, sobre a **batina** envergando uma longa **capa**, segurando na mão o **breviário** e o **terço com crucifixo grande**. J. Martins Barata e Francisco Romano Esteves, célebres pintores, fizeram o retrato do Padre Cruz, enfrentando grande dificuldade sobretudo em pintar o seu rosto irradiante de inefável bondade e santidade.

Também se assinalou na devoção aos santos. Merece, todavia, salientar-se com particular referência a sua devoção a São Francisco Xavier, porque, segundo ele próprio confessou, influenciou muito na sua vida espiritual. Cedo começou esta fervorosa devoção ao Apóstolo das Índias e do Oriente. Ele era, de facto, o seu mestre e modelo no ministério da confissão e pregação. “Todos os anos lhe fazia duas novenas: a da festa e a da graça”. Confiava à intercessão de São Francisco Xavier as graças que lhe pediam

para alcançar de Deus. Tomou para lema da sua vida a máxima do Apóstolo das Índias: “Para Deus a glória, para o próximo a salvação, para mim o trabalho”.

As pessoas que conviveram com o Padre Cruz notavam que ele vivia absorto em oração e na mais íntima união com Deus. Ele não foi apenas um apóstolo da caridade, foi também um homem de oração. Diariamente fazia mais de uma hora de meditação. Preenchia o tempo da meditação mais com afetos, orações vocais, jaculatórias, propósitos e o mínimo trabalho da inteligência. A sua oração era contínua: nos comboios, nos elétricos, no automóvel, na rua, não cessava de orar. Tinha especiais graças de oração, assinalando-se pela extraordinária facilidade com que se elevava para Deus no encontro com alguém e em simples conversa. Dormia pouco e acordava às 4 horas da madrugada, embora nunca usasse despertador, porque, como ele dizia, o seu despertador era o Anjo da Guarda.

Durante sessenta anos, o Padre Cruz viveu alentado pelo constante e ardente anseio de ser jesuíta. Em 1880, pouco depois da sua formatura em Teologia, fez os Exercícios Espirituais no Colégio de Campolide, e então, segundo palavras suas, “sentiu os primeiros chamamentos à vida religiosa na Companhia de Jesus”. Em 1886, quando era diretor do Colégio dos Órfãos, em Braga, “fez voto de entrar para a Companhia de Jesus, se Nosso Senhor lhe desse saúde”. Rondando a perseguição contra os institutos religiosos, em 2 de dezembro de 1901, foi ao Noviciado da Companhia de Jesus, em Torres Vedras, com a intenção de lá ser admitido na Companhia, “precisamente por a ver perseguida”. Mas recusaram-se a recebê-lo, alegando a sua falta de saúde. Em 1910, insistiu para acompanhar os jesuítas portugueses no exílio, mas não lhe permitiram realizar o projeto.

Apesar de contrariado tantas vezes, nunca essa aspiração esmoreceu. E embora não estivesse ligado à Companhia de Jesus por votos, sempre lhe pertenceu por espírito e vontade, e na Companhia sempre o consideraram como da comunidade. Todavia, nunca renunciou à esperança de ser admitido na Companhia. Em 1929, o Papa Pio XI concedeu ao Padre Cruz a faculdade de fazer os votos à hora da morte. Muito se alegrou com esta licença, mas não o satisfiz plenamente. Com efeito, desejava ainda mais e queria ser jesuíta na vida presente. Por intermédio do Provincial Padre Paulo Durão recorreu diretamente ao Papa Pio XII. O processo culminou no Rescrito Pontifício que lhe outorgou os votos da Companhia de Jesus; e também ficou isento do noviciado e livre da vida em comunidade.

O Padre Cruz fez os votos da Companhia de Jesus no Noviciado da Costa, em Guimarães, a 3 de dezembro de 1940, no dia da festa de São Francisco Xavier, santo da sua devoção. Cheio de alegria e consolação, realizou felizmente o sonho que acalentara ao longo de tantos anos.

Agora era, pois, jesuíta de pleno direito. Porém, continuou a residir na casa das Senhoras Caldas, em Lisboa. E prosseguiu no mesmo ritmo de atividades apostólicas de missionário itinerante. Depois da entrada na Companhia de Jesus nunca deixou de se considerar sempre vinculado ao Patriarcado de Lisboa. Era muito cuidadoso em pedir licenças aos superiores mesmo em coisas pequenas.

O Padre Cruz recebeu de Deus dons extraordinários e carismáticos. Realizou conversões através da confissão. Atribui-se-lhe a cura de muitos doentes, mesmo à distância e sem conhecer os diagnósticos dos médicos. Profetizou destinos, vaticinou a bastantes pessoas o que lhes viria a acontecer. Previu com frequência os eventos futuros. Os comboios por vezes esperavam que o Padre Cruz chegasse, e só quando ele tomava lugar na carruagem é que se punham em marcha. A vida do Padre Cruz era frequentemente assinalada por factos extraordinários. Estes aconteciam com naturalidade; e às perguntas que sobre eles lhe faziam, respondia discretamente, não os confirmava nem os negava, ou simplesmente mudava de conversa.

O Padre Cruz ficou geralmente conhecido pelo nome de “Santo”. Atribuíram-lhe também outras designações, chamando-lhe: “Apóstolo da Caridade”, “Vagabundo e Mendigo da Caridade”, “Samaritano de Portugal”, o “São Vicente de Paulo do século XX”, “Outro Santo Cura d’Ars”. Por ocasião da morte do Padre Cruz, a rádio e a imprensa por unanimidade enalteceram as suas sublimes virtudes e santidade. Os crentes e os não crentes a unísono exaltaram esta figura de extraordinária bondade e refulgente irradiação sobrenatural. A quantos lhe aconselhavam moderação nos trabalhos por motivo de saúde, costumava dizer: “Temos a eternidade para descansar”¹.

O processo informativo de beatificação começou em Lisboa a 10 de março de 1951, foi reaberto a 26 de junho de 1965 e entregue à Santa Sé a 17 de setembro desse ano. A clausura do processo diocesano supletivo realizou-se em Lisboa a 17 de dezembro de 2020. A fama de santidade do Padre Cruz ainda perdura bastante viva em Portugal e no estrangeiro, particularmente entre as comunidades lusófonas.

As relíquias apresentadas espelham esse perfil de sacerdote incansável no ministério sacramental (**batina, barrete, chapéu eclesiástico, bastão, estola, breviário, hissope**), na pregação descorrente por todo o território nacional (**passes de transporte, correspondência, sermões**), nas práticas devocionais (**rosário, escapulário, livros de orações, pagelas**), na prática de atividade socio-caritativa junto dos presos, dos doentes e dos pobres (**sacos de esmolos, óleos de unção dos doentes**). Não são menos expressivas as numerosas demonstrações de devoção e de gratidão por graças recebidas, patentes seja nos testemunhos dos fiéis, como nas lápides que foram sendo deixadas no seu jazigo no cemitério de Benfica. Aqui se apresentam parte dos objetos, mesmo os mais íntimos e banais, que de algum modo fazem referência ao

quotidiano do Padre Cruz, bem como as chamadas “reíquias de toque” em vida ou no contacto com o seu cadáver em câmara ardente, e que escrupulosamente se reuniram no Secretariado da Causa de Canonização, por iniciativa dos seus postuladores ou por oferta dos numerosos devotos.

NOTA

1 São diversas as biografias do Padre Cruz publicadas após a sua morte, no entanto as duas primeiras revestem-se de uma particular relevância histórica e serviram de base a este texto biográfico: LEITE, José, *Assim falou o Padre Cruz*, 1948 e CRUZ, José Dias da, *O Padre Cruz – Notas biográficas*, 1949. A primeira trata-se, como explica o próprio autor, não de uma biografia, mas de um depoimento resultado de um conjunto de dez entrevistas dadas pelo servo de Deus, entre maio de 1946 e outubro de 1948, três ao Padre Tobias Ferraz e as restantes ao próprio Padre José Leite. Como o próprio autor/entrevistador atesta “o que o Padre Cruz ia dizendo, em resposta a perguntas ou mesmo espontaneamente, era logo escrito, período por período ou parágrafo por parágrafo. Algumas vezes, em caso de dúvida, até lhe li o que apontara”. O segundo tem já um objetivo de construção de uma biografia. O autor era sobrinho do Padre Cruz e teve acesso privilegiado a informação sobre a sua vida, através dos testemunhos diretos de familiares, em particular da irmã, Isabel Maria da Encarnação da Cruz. Foi redigido dois anos após a morte do Padre Cruz, pelo que pela proximidade aos acontecimentos reveste-se de particular interesse para o conhecimento da sua vida.

Cronologia

1859, 29 de julho – Nasce Francisco Rodrigues da Cruz na vila de Alcochete.

1868 – Aos nove anos veio para Lisboa, onde estudou no Colégio Europeu, Instituto Mainense e Instituto Industrial.

1875 – Com 16 anos, partiu para Coimbra, onde foi cursar a Faculdade de Teologia.

1879-1880 – Inscreveu-se na Congregação Mariana de Universitários, o que marcou toda a sua vida, pois anteriormente só se confessava e comungava uma vez por ano.

1879 – Nas férias do Natal fez a sua confissão geral ao Padre Franco Sturzo, S. J., Reitor do Colégio de Campolide (Lisboa).

1880 – Tendo apenas 21 anos incompletos, concluiu a formatura em teologia, aprovado por voto unânime do júri.

1880 – Fez os Exercícios Espirituais no Colégio de Campolide, e então sentiu os primeiros chamamentos para ser jesuíta.

1880 – Foi ensinar filosofia no Seminário de Santarém.

1882, 3 de junho – Aos 23 anos, foi ordenado presbítero.

1886 – Torna-se diretor do Colégio dos Órfãos de São Caetano, em Braga.

1886 – Quando era diretor do colégio fez voto de entrar para a Companhia de Jesus.

1894, 4 de novembro – Os Salesianos chegaram a Braga e tomaram a direção do Colégio a seu pedido.

1895 – Foi nomeado diretor espiritual do Seminário Menor do Patriarcado, na Quinta do Farrobo, perto de Vila Franca de Xira.

1896 – Os seminaristas transferiram-se para São Vicente de Fora, em Lisboa, e o Padre Cruz acompanhou-os, como diretor espiritual.

1901, 2 de dezembro – Em tempo de perseguição contra os institutos religiosos, foi ao Noviciado da Companhia de Jesus em Torres Vedras, com a intenção de ser admitido na Companhia, mas recusaram-se a recebê-lo, alegando a sua falta de saúde.

1903 – Deixou o cargo de diretor espiritual do seminário, mas continuou a residir em São Vicente de Fora até 1910. Dedicava-se a intenso apostolado principalmente na igreja anexa ao seminário. Liberto do cargo entregou-se inteiramente ao apostolado de missionário itinerante.

1910 – Desencadeou-se uma forte perseguição contra a Igreja em Portugal, tendo insistido para acompanhar os Jesuítas no exílio, o que não lhe foi permitido. Esteve duas vezes preso. O Dr. Afonso Costa, Ministro da Justiça, concedeu-lhe, no entanto, um salvo-conduto, para que nunca mais o molestassem no futuro.

1912 até 1921 – Exerceu intensa atividade apostólica como confessor e diretor espiritual da Casa de Saúde das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, na Idanha, perto de Lisboa. Fundou a “Liga da Boa Morte”.

1917 – Na época das Aparições em Fátima, mostrou-se vivamente interessado por tudo o que aí estava acontecer.

1917, julho – Chegou a Fátima para entrevistar os três pastorinhos videntes.

1925 – Publica o opúsculo *Orações Diversas*, que constava de orações na maioria indulgenciadas, algumas da sua autoria. Neste ano imprimiram-se 30.000 exemplares, em 1938 já estava na 20ª edição. Difundiu largos milhares de pagelas e estampas, entre as quais é de salientar a *Via Sacra*, também da sua autoria.

1925 – O Cardeal-Patriarca D. António Mendes Belo quis nomeá-lo para cônego da Sé Patriarcal mas, em carta de 27 de março, suplica-lhe humildemente para que desista.

1926 – Foi diretor da Congregação de Maria Imaculada e Santa Inês durante a expulsão dos Jesuítas de Portugal, ao regressarem restituiu-lhes o lugar.

1927, 3 de novembro – Foi acolhido na casa das senhoras Caldas Machado com uma broncopneumonia e a partir daí, ficava sempre nessa casa, quando estava em Lisboa.

1929 – O Papa Pio XI concedeu ao Padre Cruz a faculdade de fazer os votos de jesuíta à hora da morte.

1940 – Nunca renunciou à esperança de ser admitido na Companhia e pelo Provincial Padre Paulo Durão recorreu ao Papa Pio XII. Pelo Rescrito Pontifício foram-lhe outorgados os votos da Companhia de Jesus, tendo ficado isento do noviciado e livre da vida em comunidade.

1940, 3 de dezembro – Dia da festa de São Francisco Xavier, faz os votos da Companhia de Jesus no Noviciado da Costa, mas prosseguiu no mesmo ritmo de atividades apostólicas de missionário itinerante. Nunca deixou de se considerar sempre vinculado ao Patriarcado de Lisboa e era muito cuidadoso em pedir licenças aos superiores mesmo em coisas pequenas.

1942, abril – Visitou a ilha da Madeira.

1942, agosto – Visitou as ilhas dos Açores.

1944, 9 de abril – Domingo de Páscoa, proferiu na Emissora Nacional de Radiodifusão uma alocução, versando o tema da Confissão, assunto de que tratava com particular insistência.

1948, 1 de outubro – Morre no Largo do Caldas aos 89 anos. Foi sepultado no cemitério de Benfica.

1951, 10 de março, a 1965, 26 de junho – Início do processo de beatificação em Lisboa.

1965, 17 de setembro – Entrega do processo de beatificação à Santa Sé.

1971, 30 de dezembro – Aprovação dos Escritos.

2020, 17 de dezembro – Clausura do Processo Diocesano Supletivo em Lisboa.

Testemunhos

No dia 20 de fevereiro de 1930, chegou o senhor Doutor Padre Cruz a nossa casa. E logo após os cumprimentos, minha mãe pediu-lhe que rogasse a Nosso Senhor a cura da nossa doente. O Senhor Padre Cruz fez uma cruz sobre a cabeça da Maria da Conceição, rezou uns momentos e disse "Tu vais sarar".

Minha irmã, conformada já com o seu padecimento, ainda lhe respondeu que antes o Senhor Padre Cruz pedisse a Deus a conversão dos pecadores, e, a essa vontade, tornou ele por resposta "Pede-se por tudo". E assim foi. O certo é, porém, que o milagre veio a operar-se. (...)

Claro que aproveitamos esta oportunidade para levar o nosso bondoso hóspede a todos os doentes que não podiam sair das suas casas, a todos confessando e dando a absolvição, dando-lhes ainda, o escapulário de Nossa Senhora do Carmo, devoção que pregava com fé viva e extraordinário entusiasmo, tal o êxito que sempre alcançou. (...)

O senhor N, padecia de um cancro na bexiga. Como o seu estado de saúde era muito grave, pessoas amigas e o seu pároco, falaram-lhe diversas vezes em confessar-se, mas sempre disse que não, em terminante recusa. Alguém, porém, falou-lhe no senhor Doutor Padre Cruz. O certo é que mandou pedir a meu pai se o levava lá. Meu pai ficou muito penalizado por não poder satisfazer imediatamente esse pedido, e não sabendo quando o Senhor Doutor Padre Cruz voltaria a nossa casa, mandou dizer que tão prontamente fosse possível, daria satisfação ao seu pedido. Entretanto, oferecia-lhe um retrato do Senhor Doutor Padre Cruz. Alguns dias depois, meu pai foi visitá-lo. Ele agradeceu muito a atenção que lhe dispensara e a visita, e, a certa altura, disse: "Olhe, há dezassete anos que eu não me confessava; mas ao ver aquele retrato senti uma comoção tão grande que tive logo o desejo de me reconciliar com Deus. Aquelas mãos expressivas do Senhor Doutor Padre Cruz, chocaram-me profundamente. E nem imagina a consolação que sentia e sinto ao contemplá-las! Que suavidade, que candura, que maravilha de expressão! Ora como manifestei essa vontade, perguntaram-me quem eu queria, e eu respondi que viesse o nosso abade, que muitas vezes me tinha falado no caso. Agora, sinto-me bem!"

Família devota do Padre Cruz, V. N. de Famalicão

Tenho agora 87 anos. Quando tinha 8 anos, estive muito mal dos meus olhos e andei-me a tratar no Asilo para Cegos em Lisboa, sem ter melhoras. Um dia, como era habitual, fui a casa do Padre Crispim que era o pároco de Alcochete, e a sua mãe levou-me até casa da irmã do Padre Cruz. Contou-lhe a situação dos meus olhos e, depois disso, o Senhor Padre Cruz abençoou-me, deu-me um beijinho e fui para casa. No outro dia quando acordei, tinha os meus olhos abertos\

despegados e já conseguia ver normalmente. Fui ao hospital e, lá, disseram-me que estava curada. E nunca mais lá voltei.

Maria Manuela Sequeira, Alcochete

Estava passando por uma situação financeira difícil e pedi ao Padre Cruz que me concedesse a graça de ser aprovado o empréstimo que tinha pedido e que era difícil de ser aprovado. Pouco depois, foi tudo aprovado. Desde aí nunca me abandonou e ajudou-me em outras situações; venda da casa, licenciatura da minha filha.

José Afonso, Lisboa

Ter-me ajudado num problema grave de saúde que tive, já estou melhor. Tenho uma grande fé no meu querido "Santinho".

Marília dos Santos Nunes, Porto

Eu tive um acidente de automóvel grave. A minha mulher pediu muito ao Padre Cruz que eu sobrevivesse, o que aconteceu. A minha mulher teve uma bactéria que a afetou muito. Pedi ao "Santo" Padre Cruz que a salvasse e salvou-se. A minha filha teve um problema no útero, tendo que ser operada de urgência. Eu e a minha mulher pedimos ao Padre Cruz e salvou-a. Temos pedido ao Padre Cruz que nos ajude e ouve-nos sempre.

José Freire Carrilho, Lisboa

A minha nora não engravidava, fez dois tratamentos, mas sempre abortou. Pedi ao bondoso Padre Cruz que a protegesse, o que aconteceu e teve uma menina de parto normal.

B.M.D.

Venho agradecer ao nosso Padre Cruz por me ter ouvido em minhas orações pela minha filha que recebeu boas notícias da mamografia que fez e por a minha filha ter ficado bem de uma infecção na vista. Obrigada, querido Padre Cruz.

Maria Teresa Abreu, Coimbra

Fiz uma novena ao Padre Cruz, pois tinha o meu irmão com uma grave infecção nos olhos e curou-se. Estou muito grata.

Maria Ema e família, Lisboa

Perante uma dificuldade séria em que me encontrava devido a um problema referente à venda do meu carro, invoquei a intercessão do nosso "Santo" Padre Cruz. Poucas horas depois fui surpreendido com a informação de que a dificuldade estava solucionada.

João A. P. Rodrigues Alves, Porto

Agradeço ao Padre Cruz por eu e a minha mãe, de 91 anos e com doença de Alzheimer, termos ficado curadas do Coronavírus. Por me ter ajudado a tirar a carta de condução e por a minha irmã ter recuperado de um acidente muito grave e por muitas outras graças que o Padre Cruz me tem concedido. Obrigada por tudo.

Aurora, Insalde

O meu marido, com 86 anos, foi atropelado durante um passeio de bicicleta e esteve um mês e meio de cama com muitas dores, mas não partiu nada. O "Santo" Padre Cruz mais uma vez me escutou, obrigada.

Maria Antonieta Avelar, Toronto, Canadá

Alcansei algumas graças por intercessão do "Santo" Padre Cruz; a cura de uma mancha que me encontraram na cabeça; o médico queria operar ao fim de uma semana. Fiquei com muito medo e pedi ao Nosso Pai e Nossa Mãe e, por intercessão do "Santo" Padre Cruz, nunca mais tive nada.

O meu filho Patrick sofre muito das costas e isso impedia-o de trabalhar. Graças ao “Santo” Padre Cruz está bem. Uma neta não comia nada. Pensámos que ela ia morrer de tão magra que estava. Uma noite pedi ao “Santo” Padre Cruz e desde esse dia ela começou a comer bem. Mil vezes um muito obrigado.

Maria Alice Pereira, Annecy, França

Há cerca de 3 anos estava desempregada. Fiz uma novena ao Padre Cruz para conseguir trabalho, o que aconteceu passado pouco tempo. Entretanto mudei para outro emprego mais perto de casa. Obrigada, Padre Cruz.

Marta Sofia Duarte Santos, Ega

Padre Cruz enquanto estudante em Coimbra

Father Cruz as a student in Coimbra

Portugal, c. 1880

Fotografia sobre papel

17,5 × 12 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Como desde criança desejava ser sacerdote, em 1875 com 16 anos, partiu para Coimbra, onde foi cursar a Faculdade de Teologia. Nessa cidade, na mesma residência (república) conviveu com um grupo de estudantes que depois foram ilustres sacerdotes. Em 1880, tendo apenas 21 anos incompletos, concluiu a formatura em teologia, aprovado por voto unânime do júri.

Ever since he was a child, he wanted to be a priest. He went to the Faculty of Theology. In 1880, when he was only 21 years old, he graduated in theology.



Bilhete de identidade do Padre Cruz

Father Cruz's identity card

Portugal, 1944

Manuscrito sobre papel

12 × 22,7 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

O Padre Cruz esteve duas vezes preso durante a 1ª República. O Dr. Afonso Costa, Ministro da Justiça, concedeu-lhe, no entanto, um salvo-conduto, para que nunca mais o molestassem no futuro.

Father Cruz was imprisoned twice during the First Republic. However, Dr Afonso Costa, the Minister of Justice, granted him a safe conduct so that he would never be harassed again in the future.

Óculos que pertenceram ao Padre Cruz

Glasses that belonged to Father Cruz

Portugal, século XX

Vidro, metal

6,5 × 11,5 × 2,8 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



O Padre Cruz recebeu de Deus dons extraordinários e carismáticos. Realizou conversões extraordinárias através da confissão. Possuía o carisma de converter homens endurecidos e afastados de Deus há muitos anos, dizendo-lhes apenas uma simples palavra de apelo à confissão. Curou muitos doentes, mesmo à distância e sem conhecer os diagnósticos dos médicos. Sabia ler nas almas como num livro aberto. Sem prévia informação, logo discernia se uma criança estava batizada ou não.

He healed many sick people, even from a distance and without knowing the doctors' diagnoses. He knew how to read souls like an open book. Without prior information, he was able to discern whether a child was baptised or not.

Retratos de tipo passe para uso pessoal

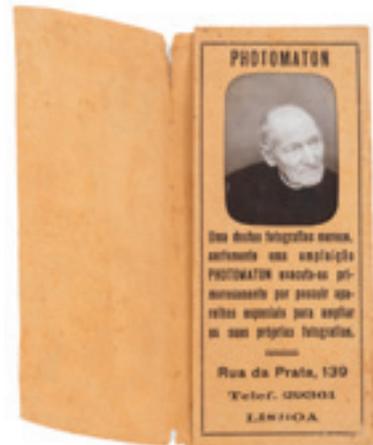
Passport portraits for personal use

Portugal, século XX

Fotografia sobre papel

10,7 × 10,5 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



Comovia-se tanto na missa, na Via Sacra e nos atos de piedade, que frequentemente derramava abundantes lágrimas. Pode, pois, afirmar-se que ele tinha o dom das lágrimas.

He often shed abundant tears. It can therefore be said that he had the gift of tears.

Padre Cruz em Fátima

Father Cruz in Fátima

Portugal, 1939

Fotografia sobre papel

23,5 × 17,3 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Implantada a República em 1910, desencadeou-se feroz perseguição contra a Igreja em Portugal. Nesse período de turbulência aconteceu que o Padre Cruz por vezes viu-se assediado por arruaceiros, mas com frequência aparecia logo um antigo recluso do Limoeiro a protegê-lo, gritando: “Olhem que é o Padre Cruz! Não lhe façam mal!”. E os antigos presos acompanhavam-no até ao lugar a que se dirigia.

Once the Republic was established in 1910, Father Cruz was sometimes harassed by troublemakers, but often a former Limoeiro inmate would appear to protect him



Padre Cruz no final da vida

Father Cruz at the end of his life

Portugal, c. 1948

Fotografia sobre papel

14,5 × 10,2 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Por sua iniciativa, instituiu-se a União Apostólica do Clero. Foi diretor da associação muitos anos. Nas reuniões, em que nunca faltava, traçava com todo o ardor o programa da vida sacerdotal: “confessar, enquanto houver pecadores ao pé do confessionário; pregar, enquanto houver ouvintes no templo; e rezar, até não poder mais”. As suas palavras eram a expressão clara da vida sacerdotal do Padre Cruz, total e exclusivamente dedicada à salvação das almas.

“to confess as long as there are sinners at the confessional; to preach as long as there are listeners in the temple; and to pray until we can pray no more”. His words were the clear expression of Father Cruz's priestly life.



Batina do Padre Cruz

Father Cruz's cassock

Portugal, século XX

Algodão

130 × 53 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Apesar de estar proibido que os Padres usassem traje eclesiástico em público, o Padre Cruz andou sempre de batina. Nesses tempos difíceis continuou, porém, a visitar os presos e os doentes, e a socorrer os pobres.

Although it was forbidden for priests to wear ecclesiastical dress in public, Father Cruz always wore a cassock.



Chapéu de abas do Padre Cruz

Father Cruz's floppy hat

Chapelaria High Life, Lisboa

Portugal, século XX

Feltro

11 × 33,5 × 30,5 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



Bengala do Padre Cruz

Father Cruz's walking stick

Portugal, século XX

Madeira, prata

91,3 × 11 × 1,7 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



Retrato do Padre Cruz
Portrait of Father Cruz

Helena Bourbon (1892-1980)
Portugal, 1973
Óleo sobre tela
95 x 75 x 5 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Todos o conheciam: alto de estatura, olhar de encantadora doçura, rosto sorridente e irradiante de simpatia e bondade, sobre a batina envergando uma longa capa, segurando na mão o breviário e o terço com crucifixo grande.

Everyone knew him: tall in stature, with a look of charming sweetness, a smiling face beaming with sympathy and kindness, wearing a long cloak over his cassock, holding a breviary and a rosary with a large crucifix in his hand.



Terço do Padre Cruz
Father Cruz's Rosary

Portugal, século XX
Madeira, alumínio, prata
81 x 2,3 x 1 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

As contas do terço deslizavam-lhe constantemente entre os dedos. Numa viagem de regresso a Lisboa até rezou nove terços. Percorria os caminhos a rezar tão habitualmente que chegava a medir as distâncias pelos terços que nelas demorava.

He travelled the roads praying so habitually that he even measured the distances by the rosaries he spent on them.



Breviário Romano de uso do Padre Cruz

Roman Breviary used by Father Cruz

Tipografia A. Mame, Tours

França, 1886

Papel impresso

18 × 21,3 × 4,5 cm

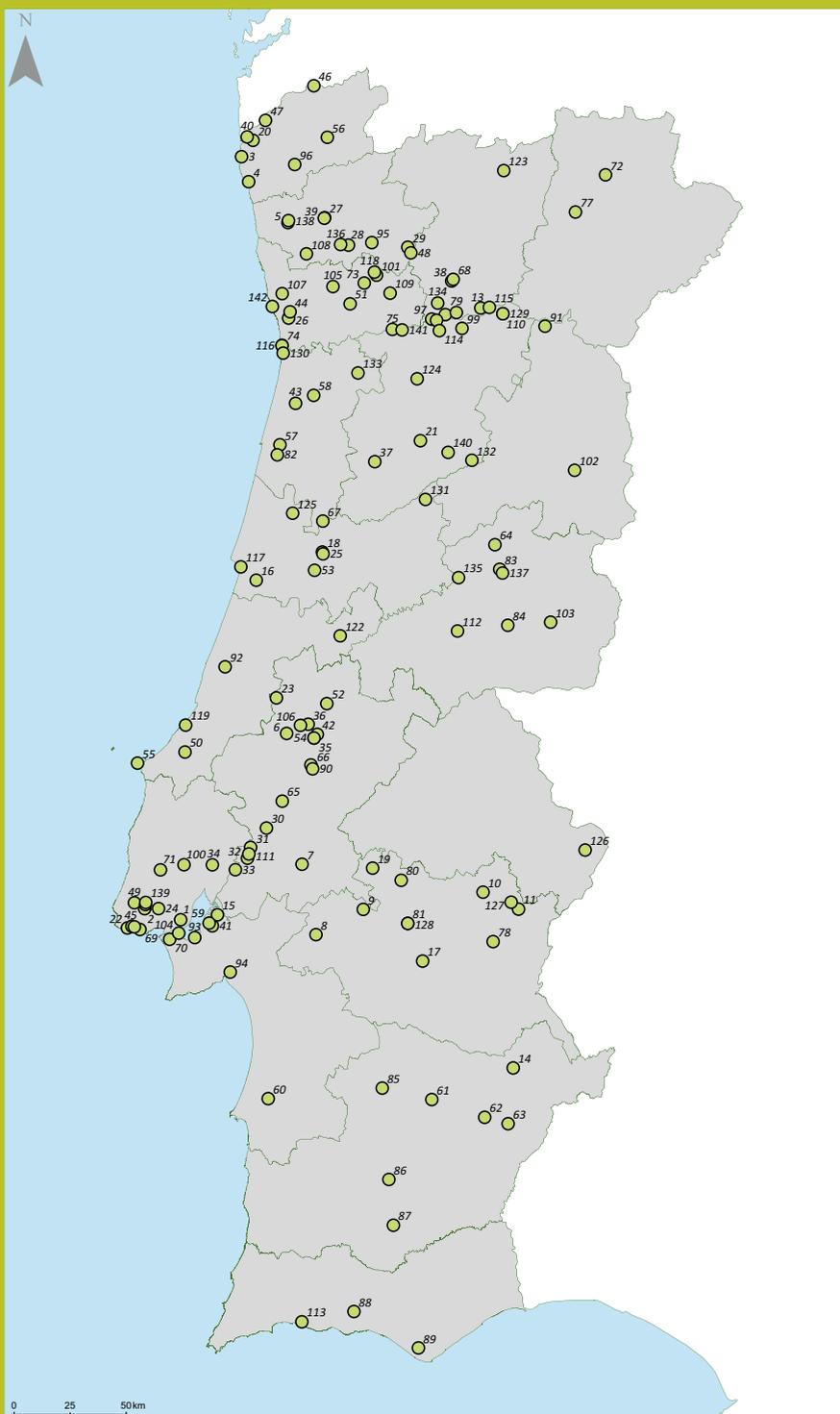
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Por causa da fadiga cerebral que se ia agravando, previa que teria de interromper o magistério no seminário. Em 1886, aceitou o convite para diretor dos Órfãos do Colégio de São Caetano, em Braga. A direção do Padre Cruz assinalava-se pela sua bondade e mansidão, formando os alunos no santo temor e amor de Deus, não só com palavras, mas sobretudo com os seus exemplos de oração, humildade e mortificação. A sua saúde, porém era tão precária que celebrava missa com dificuldade e até foi dispensado de rezar o breviário.

His health was so poor that he celebrated Mass with difficulty and was even excused from saying the breviary.



Locais que o Padre Cruz visitou entre 1933 e 1939 (a partir da correspondência trocada com a irmã)
Places Father Cruz visited between 1933 and 1939 (from correspondence with his sister)



“Estive em Coruche e graças a Deus a nossa sobrinha tem passado melhor (...)
– Depois fui a vendas Novas e Montemor (...) lá preguei e confessei (...)
– Vim para Estremoz donde sigo para Vila Viçosa.”

8 de março de 1933

*“I was in Coruche and thank God our niece is doing better (...)
– Then I went to Vendas Novas and Montemor (...) there I preached and confessed (...)
– I came to Estremoz from where I’m going to Vila Viçosa.”*

8th March 1933

Abrunhosa 13	Aveiro 43, 57, 58, 67, 81, 130, 133	Chamusca 66, 90
Abrunhosa-a-Velha 32	Azevedo 20	Chaves 123
Afife 3	Baião 15	Coimbra 16, 18, 25, 53, 117, 125, 131
Afonsoeiro 41	Barcelos 5, 138	Corgo 29
Alcains 83	Barreiro 93	Coruche 7
Alcobaça 119	Barroca 135	Couto 56
Alcochete 15, 59	Beja 14, 61, 62, 63, 84, 85, 86	Covas do Douro 13
Aldeia do Pinto 63	Belas 4	Covilhã 64
Alentém 73	Benavente 32, 33, 111	Entroncamento 35, 54
Algoz 87, 88	Borba 127	Ervedal 131, 132
Algueirão-Mem Martins 139	Braga 5, 27, 29, 39, 95, 108, 136, 161, 138	Ervedosa do Douro 110, 129
Alijó 115	Caldas da Rainha 50	Espinhhal 102
Almada 70, 104	Caldas de Aregos 141	Espinho 130
Almeirim 56	Caminha 20, 40	Estarreja 43
Almodôvar 86	Campo Maior 126	Estoril 45
Alqueidão 16	Canedo de Basto 29	Estremoz 10
Alvaiázere 122	Canelas 78	Évora 8, 9, 10, 11, 17, 19, 77, 79, 80, 127, 128
Alvites 76	Cantanhede 25	Fafe 95
Amarante 109	Caparica 70	Faro 87, 88, 89, 113
Ancede 75	Carcavelos 69	Fátima 23
Arcos de Valdevez 56	Carvalhal da Aroeira 106	Felgueiras 101, 118
Armamar 9	Cascais 22, 45, 69, 121	Ferragudo 113
Arouca 133	Castelo Branco 64, 82, 83, 103, 112, 135, 137	Ferreira do Alentejo 84
Arraiolos 80, 128	Castro Daire 24	Figueira da Foz 16, 117
Arranhó 100	Castro Verde 85	Freigil 141
Arranhó de Baixo 100	Celas 72	Fundão 82, 135, 137
Arruda dos Vinhos 100	Celorico de Basto 29	Galiza 45
Atalaia 42	Cernache 53	Granja 74, 116
Atei 48		
Avanca 43		

Guarda 91, 102
Guardão 37
Guimarães 28, 136
Idanha-a-Nova 103
Ílhavo 81
Lagarteira 67
Lagoa 113
Lamego 97, 98, 114
Lapas 106
Leça da Palmeira 142
Leiria 50, 55, 92, 119, 122
Lisboa 1, 22, 24, 34, 45, 49, 69, 71, 100, 120, 121, 139
Lixa 101, 118
Lomba 109
Louredo 141
Lousada 73
Maçãs de Dona Maria 122
Mafra 71
Magueija 112
Maia 107
Malveira 71
Mangualde 132, 140
Marinha Grande 92
Matosinhos 142
Mealhada 67
Medrões 134
Mercê 73
Mercês 120
Miomães 141
Mirandela 6
Monção 46
Mondim de Basto 48
Monte Margarida 102
Montemor 9
Montemor-o-Novo 9
Montijo 41
Mora 19, 79
Moreira 107
Moura 14
Muge 30
Nossa Senhora da Vila 9

Nossa Senhora do Bispo 9
Olaia 36
Oliveira de Azeméis 58
Oliveira do Hospital 131
Ourém 23
Paços de Ferreira 105
Padredo 29
Pampilhosa 67
Paranhos 44
Parede 69
Pavia 79
Pedrogão 37
Penafiel 51
Penajoia 97
Peniche 55
Peso da Régua 12, 78
Pinhão 115
Pocariça 125
Poiares 78
Ponte da Barca 48
Ponte de Lima 96
Portalegre 126
Porto 26, 44, 51, 73, 74, 75, 101, 105, 107, 109, 116, 118, 142
Redondo 77
Resende 141
Ribeira Branca 106
Rio Douro 78
Rio de Mouro 2
Rochoso 102
Sabrosa 13
Salvaterra de Magos 30, 31
Samodães 68
Samora Correia 33
Samouco 59
Santa Marta de Penaguião 134
Santarém 6, 7, 23, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 42, 52, 54, 66, 90, 106, 111
Santiago do Cacém 60
São Félix da Marinha 14, 116
São João da Pesqueira 110, 129
São João do Estoril 121
São João do Souto 39

São Martinho do Porto 119
São Pedro 106
São Romão do Corgo 29
Sarzedas 112
Seixas 91
Serpa 62, 63
Setúbal 15, 41, 59, 60, 70, 93, 94, 104
Silvares 136
Silveiras 9
Silves 87, 88
Sintra 2, 24, 49, 120, 139
Tapada das Mercês 139
Tomar 52
Tondela 37
Torres Novas 6, 36, 106
Tortosendo 64
Tunes 87, 88
Vale de Vargo 63
Venade 20
Vendas Novas 8
Viana do Castelo 3, 4, 20, 40, 47, 56, 96
Vila Franca da Beira 131
Vila Franca de Xira 34
Vila Nova da Barquinha 42
Vila Nova de Cerveira 47
Vila Nova de Famalicão 108
Vila Nova de Foz Côa 91
Vila Nova de Gaia 74, 116
Vila Nova de São Bento 63
Vila Real 12, 13, 38, 48, 68, 78, 115, 123, 134
Vila Viçosa 11
Vilar do Torno 73
Vinhais 72
Viseu 21, 37, 97, 98, 110, 114, 124, 129, 132, 140, 141
Zibreira 6

Padre Cruz no Funchal, no Jardim do Paço Episcopal
Father Cruz in Funchal, in the garden of the Episcopal Palace

Portugal, 25 de abril de 1942
Fotografia sobre papel
23,5 × 17,3 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Em missões e tríduos o Padre Cruz percorreu o país de lés a lés, sem olhar a fadigas nem sacrifícios. Visitou a ilha da Madeira, em abril de 1942, e as ilhas dos Açores, em agosto do mesmo ano.

In missions and tenebrae, Father Cruz travelled the country from one side to the other, without regard for fatigue or sacrifice.



Padre Cruz em Angra com o Senhor Bispo
Father Cruz in Angra with the Bishop

Portugal, 1942
Fotografia sobre papel
10,2 × 14,5 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



Bolsa de esmola do Padre Cruz
Father Cruz's alms bag

Portugal, século XX
Tecido, cordão de algodão
33 × 35,5 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

De todas as partes do país o Padre Cruz recebia esmolas, algumas avultadas, para distribuir pelos pobres. Muito dinheiro lhe passou pelas mãos, mas nunca utilizou esse dinheiro em benefício próprio. As esmolas que lhe davam, sempre as levava a casa dos pobres, aos hospitais e prisões.

The donations he was given he always took to the homes of the poor, hospitals and prisons.



Bolsa de esmolos do Padre Cruz

Father Cruz's alms bag

Portugal, século XX

Tecido, pintura a óleo

26 × 25 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

À frente: "Ao Bondoso Pe. Cruz oferece o povo das Cinco Ribeiras Ilha Terceira – Açores, 11-IX-1942"

No verso: "Nas vossas orações pedi por nós"

On the front: "To the Kind Father Cruz offers the people of Cinco Ribeiras Terceira Island – Azores, 11-IX-1942"

On the back: "In your prayers, asked for us"



Bolsas de esmolos para presos (uma delas bordada, com indicação de ser procedente dos Açores)

Alms bags for prisoners (one of them, embroidered, with an indication that it came from the Azores)

Portugal, século XX

Tecido

16,5 × 16 cm cada

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Os presos consideram o Padre Cruz um santo. Efetivamente, ele pede esmolos e serve de procurador dos que vivem no Limoeiro. Procura saber o que cada um precisa e reparte quanto pode, até esvaziar o seu saquinho de esmolos. Terminada a visita, percorre numa azáfama cartórios, insiste para que se apresse tal julgamento, parlamenta com as partes acusatórias.

The prisoners consider Father Cruz a saint. In fact, he asks for donations and acts as a proxy for those who live in Limoeiro.



Passes de transportes públicos do Padre Cruz
Public transport passes from Padre Cruz

Portugal, século XX
Impressos e manuscritos sobre cartão com fotografias sobre papel
Diversas medidas
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



Previu com frequência os eventos futuros. Os comboios por vezes esperavam que o Padre Cruz chegasse, e só quando ele tomava lugar na carruagem é que se punham em marcha.

He often predicted future events. The trains would sometimes wait for Father Cruz to arrive, and only when he had taken his place in the carriage would they set off.

Hísopo do Padre Cruz
Father Cruz's Aspergillum

Portugal, século XX
Metal cromado
10,5 cm; Ø 2 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Numa aldeia encontrava-se em estado gravíssimo um homem que há mais de 50 anos não recebia os sacramentos. Todos os sacerdotes que dele se aproximavam, vinham corridos e acabavam por desistir. Contaram-lhe o caso. Apesar da hostilidade, não hesitou em visitá-lo. Entrou no quarto do doente e ouviu-o de confissão.

In a village, a man who hadn't received the sacraments for more than 50 years was in a very serious condition. He entered the sick man's room and heard him in confession.



Estola dos sacramentos do Padre Cruz e sua bolsa
Sacramental stole and its pouch from Father Cruz

Portugal, século XX
Tecido, fio metálico dourado
Bolsa 11 × 8 cm
Estola 142 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

“confessar, enquanto houver pecadores ao pé do confessional; pregar, enquanto houver ouvintes no templo; e rezar, até não poder mais”.

*“to confess as long as there are sinners at the confessional;
to preach as long as there are listeners in the temple;
and to pray until we can pray no more.”*



Escapulários de Nossa Senhora do Carmo do Padre Cruz
Our Lady of Mount Carmel Scapulars owned by Father Cruz

Portugal, século XX
Fita de algodão, tecido e tecido impresso
46 × 4 cm
50 × 4,5 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

O Padre Cruz salientou-se na extraordinária devoção ao Escapulário de Nossa Senhora do Carmo. Distribuiu milhares de escapulários com a intenção de afervorar a confiança em Nossa Senhora e estimular a prática religiosa. Quando era chamado para doentes rebeldes, ele próprio declarou que primeiro impunha o escapulário às pessoas de família e no fim ao doente. Em seguida, atendia-o de confissão; mas sem lhe dizer a palavra “confissão”. Não perdia nenhuma ocasião de impor o Escapulário, fosse a quem fosse.

Father Cruz emphasized his extraordinary devotion to the Scapular of Our Lady of Mount Carmel. He distributed thousands of scapulars.



**Livro Orações Diversas de uso do Padre Cruz
à data da sua morte**

**Book Orações Diversas (Miscellaneous Prayers)
used by Father Cruz at the time of his death**

Escola Tipográfica das Oficinas de São José
Portugal, 1935
Papel impresso
11,7 × 7,5 × 1,7 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



O Padre Cruz publicou o opúsculo *Orações Diversas*, que constava de orações na maioria indulgenciadas. Algumas orações são da sua autoria. Em 1925, imprimiram-se 30.000 exemplares desse livrinho. Em 1938, já estava na 20.^a edição e em cada nova edição, “ele ia sempre acrescentando alguma oração a mais”. Difundi largos milhares de pagelas e estampas, entre as quais é de salientar a *Via Sacra*, também da sua autoria.

Father Cruz published the booklet Orações Diversas (Miscellaneous Prayers), which consisted of mostly indulgenced prayers. Some of the prayers were his own.

Molde de máscara funerária do Padre Cruz

Father Cruz funeral mask mould

Raúl Xavier (1894-1964)
Portugal, 1948
Gesso
11,5 × 23 × 17 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



Máscara funerária do Padre Cruz

Father Cruz funeral mask mould

Raúl Xavier (1894-1964)
Portugal, 1948
Gesso
11 × 22 × 15 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



As feições doces do Padre Cruz foram perpetuadas através de um molde que lhe retiraram do rosto à data da morte.

Father Cruz's sweet features were perpetuated through a mould that was removed from his face at the time of his death.

Busto do Padre Cruz

Bust of Father Cruz

Raúl Xavier (1894-1964)

Bronze

1944

26,5 × 19 × 18,5 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



A figura do Padre Cruz foi convertida num busto escultórico à semelhança de outras personagens de importância histórica e cultural, sendo aqui representado com a batina e o barrete.

The figure of Father Cruz has been converted into a sculptural bust, like other historically and culturally important figures, and is depicted here wearing his cassock and cap.

Pagela do Padre Cruz em chinês

Father Cruz's prayer-card in Chinese

Macau, século XX

Impressão sobre papel

13 × 8,5 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



A figura da Padre Cruz foi difundida pelos meios católicos no império colonial.

The figure of Father Cruz was disseminated by Catholic circles in the colonial empire.

Pedaço da camisa que o Padre Cruz usava

A piece of the shirt Father Cruz wore

Portugal, século XX

Malha de tricot

36,5 × 24,5 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



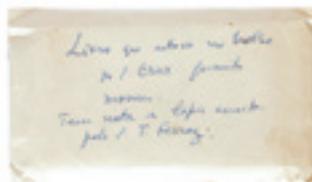
À hora da morte do Padre Cruz, este já havia adquirido uma aura de santidade pelo que de imediato se recolheram relíquias de contacto, quer dizer, objetos que tocaram no seu corpo.

At the time of Father Cruz's death, he had already acquired an aura of sanctity and so contact relics, that is, objects that touched his body, were immediately collected.

**Livro que estava no bolso do Padre Cruz
quando morreu**

*Book that was in Father Cruz's
pocket when he died*

Escola Tipográfica das Oficinas de São José
Portugal, 1935
Papel impresso
11,5 × 7,7 × 1 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



**Toalha com que foi cortado o cabelo do Santo Padre Cruz,
em São Salvador do Campo, Minho, 194...**

*Towel with which Holy Father Cruz's hair was cut,
in São Salvador do Campo, Minho, 194...*

Portugal, década de 1940
Linho
136 × 64 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



**Arca do Padre Cruz
Father Cruz's Ark**

Portugal, século XX
Madeira, ferragens em latão
43 × 80,5 × 43,5 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

**Nesta arca o Padre Cruz guardava os seus
pertences quando ficava na casa das senhoras
Caldas.**

*Father Cruz kept his belongings in this chest when
he stayed at the Caldas ladies' house.*



Retrato do Padre Cruz com as senhoras Caldas
Portrait of Father Cruz with the Caldas ladies

Portugal, século XX
Fotografia sobre papel
8,5 × 13,3 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz



“Depois da morte de seu pai em 1910, deu tudo o que lhe pertencia da herança (...). Após a proclamação da República, o Padre Cruz não tinha morada certa (...). Desde 1910, começou a aparecer na casa das senhoras Caldas Machado, no Largo do Caldas, onde às vezes passava a noite, para de madrugada ir celebrar a missa no Convento das Clarissas do Desagravo. Estas religiosas tinham lá um quarto reservado para seu descanso. O Padre Cruz, a 3 de novembro de 1927, foi acolhido na casa das senhoras Caldas Machado com uma broncopneumonia, chegando a receber a Santa Unção dos doentes. A partir da grave doença, ficava sempre nessa casa, quando estava em Lisboa. O palacete das senhoras Caldas Machado tinha capela com o Santíssimo Sacramento. O Padre Cruz chamava-lhe “o seu cantinho”. Mas pouco lá parava, movimentando-se por todo o país na sua vida de missionário itinerante.”

“After the proclamation of the Republic, Father Cruz had no certain address (...). From 1910 onwards, he began to appear at the home of the Caldas Machado ladies, in Largo do Caldas, where he would sometimes spend the night”

Caixa com objetos pessoais do Padre Cruz
(frasco com água benta, remédios, châvenas, copo, alúmen, vinho para a missa...)
Box of Father Cruz's personal belongings
(holy water bottle, medicines, cups, glass, alum, wine for Mass...)

Portugal, século XX
Cartão, vidro, papel, plástico, porcelana, tecido
45 × 26,5 × 28 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Os seus objetos de uso quotidiano foram guardados como relíquias.

Their everyday objects were kept as relics.



Pagamento de promessa ao Padre Cruz
Payment of a promise to Father Cruz

Portugal, século XX
Fotografia sobre papel
23,5 x 17,5 cm
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Manifestação de devoção popular à sepultura do Padre Cruz no Cemitério de Benfica

Demonstration of popular devotion at the grave of Father Cruz in Benfica Cemetery



Romaria ao túmulo do Padre Cruz
Pilgrimage to the tomb of Father Cruz

Portugal, 1 de outubro de 2019
Fotografia digital
Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

Manifestação de devoção popular no jazigo da Companhia de Jesus, no Cemitério de Benfica, onde está sepultado o Padre Cruz, por ocasião do 71º aniversário do seu falecimento

A demonstration of popular devotion at the tomb of the Society of Jesus in Benfica Cemetery, where Father Cruz is buried, on the occasion of the 71st anniversary of his death.



Placas de ex-voto dirigidas ao Padre Cruz

Ex-voto plaques to Father Cruz

Portugal, século XX

Mármore

Várias dimensões

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

O reconhecimento de graças concedidas pelo Padre Cruz leva à oferta de testemunhos em mármore que perpetuam o acontecimento considerado um milagre

The recognition of graces granted by Father Cruz leads to the offering of marble testimonies that perpetuate the event considered to be a miracle



Inauguração do monumento dedicado ao Padre Cruz, da autoria de Joaquim Martins Correia (1910-1999)

Inauguration of the monument dedicated to Father Cruz, by Joaquim Martins Correia (1910-1999)

Portugal, 3 de junho de 1967

Fotografia sobre papel

17,7 × 12,8 cm

Lisboa, Sede da Causa de Canonização do Padre Cruz

A expansão da cidade de Lisboa ainda no contexto do regime do Estado Novo, levou a atribuição do nome do Padre Cruz a um novo bairro destinado a famílias carenciadas.

The expansion of the city of Lisbon under the Estado Novo regime led to Padre Cruz's name being given to a new neighbourhood for needy families.



***quase-relíquias?* a madre Andaluz**

Rita Leite (UCP-CEHR)

Ir. Mafalda Leitão, Congregação das Servas da Nossa Senhora de Fátima

Luiza Andaluz, cuja figura era conhecida pelo acessório que, com elegância e nobreza, tinha por hábito trazer ao pescoço, fundou no século XX uma congregação religiosa sem hábito. Pertencia a uma família abastada com propriedades na região de Santarém. O seu apelido provinha do facto de o seu pai ser o 3º Visconde de Andaluz. O nome completo era Luiza Maria Langstroth Figueira de Sousa Vadre Santa Marta Mesquita e Melo. Nos seus escritos ela descreve a próprio punho uma infância feliz. Tinha três irmãs: Maria Isabel, Eugénia e Ana. Com elas tinha uma forte ligação, que lembra com carinho. A sua mãe, Ana, tinha ascendência americana, de Filadélfia. O seu pai era governador civil, primeiro no Funchal, e depois em Santarém. O forte vínculo familiar e a educação recebida – as línguas, a pintura, a música, etc. – capacitaram Luiza para relações e estruturas em que o trabalho em rede, a participação e o cuidado mútuo tinham uma marca forte.

Luiza aprende, desde tenra idade, a linguagem da fé nas várias línguas do mundo e brinca, como todas as crianças, trazendo Deus e a fé para brincar a sério no aprender a ser pessoa. O **conjunto de alfaias litúrgicas, em miniatura**, com que Luiza brincava, na sua infância, dá conta da dimensão eucarística na espiritualidade de Luiza, um pilar que desde cedo foi fortificando. Com os **tecidos** que recebia na época natalícia, Luiza, depois de ter aprendido a fazer fatos para a sua boneca, passou a aplicar a técnica na confeção de enxovais para as crianças mais necessitadas. Foi uma das bases que desenvolveu posteriormente na missão de amparar muitas raparigas sem educação, no conturbado Portugal do início do século XX.

A **Virgem Maria** é para Luiza Andaluz um exemplo de fé, de virtude e de docilidade. Um modelo dos aspetos mais estruturantes na pessoa, capaz de a disporem a desenvolver as suas melhores potencialidades para o que mais interessa na vida: Deus e o bem comum. Por isso, ela é também modelo educativo. A missão educativa de Luiza iniciou-se aos 14 anos, a pedido do Cardeal Neto, Patriarca de Lisboa. Consistia em ajudar as Irmãs Capuchas na Casa da Aula, que tinham na cerca do seu convento,

em Santarém. Mais tarde, o **Colégio Andaluz** vai ser a grande referência da sua vida ao serviço das causas da dignidade humana e do bem comum, particularmente na educação integral de jovens mulheres.

A atenção aos sinais dos tempos leva a Madre Luiza a um contínuo interesse pelas notícias do mundo, primando por estar a par dos acontecimentos políticos, sociais e eclesiais. Aquilo que descreveu como um cenário de “crise”, “desordem” e “falta de escolas católicas”, reforçou o seu empenho na colaboração na “Obra das escolas” entendida como “um dever” quer no que dizia respeito ao trabalho pelo “bem das almas” quer na defesa dos “interesses da Igreja”.

O projeto de formação de uma nova congregação foi inicialmente matizado por dúvidas de natureza semelhante às que se lhe tinham colocado a propósito de uma potencial entrada no Carmelo: com 46 anos de idade, seria demasiado tarde para empreender um projeto daquele tipo? Em 1922, no contexto de uma visita à sua irmã **Eugénia**, no Convento de Echavacoiz, num período de dez dias, onde se incluíram ainda a participação na procissão das relíquias de São Francisco de Xavier em Pamplona e alguns episódios de “visões”, operou-se, nas palavras de Luiza Andaluz uma “grande transformação” no seu espírito e as dúvidas que persistiam eram já de ordem eminentemente prática: constituir uma associação ou uma congregação? Usar ou não o hábito? Tomar a iniciativa de falar com os sacerdotes ou com os bispos? Luiza Andaluz estruturaria dali em diante o caminho de uma congregação, comumente identificada pela imagem de marca que a não utilização do hábito acabou por evidenciar, e assim que regressou a Portugal tomou a iniciativa de falar com a autoridade episcopal.

A relação filial de Luiza com a Virgem Maria é de tal forma estrutural na sua espiritualidade que, ecoando o contexto das Aparições em Fátima, fundará uma congregação com o nome de Servas de Nossa Senhora de Fátima, a exemplo e sob proteção da Virgem Maria, aparecida sobre uma **carrasqueira** naquele lugar. Aquela filiação teria tradução simbólica na peregrinação que um primeiro grupo de mulheres faria à Cova da Iria, a 13 de maio de 1923, momento fixado na história da congregação como inaugural: “Houve quem visse cair sobre nós, nesta ocasião, uma chuva de pétalas brancas de neve, que se desfaziam sobre as nossas cabeças e assim mo afirmaram depois muitas das nossas peregrinas. Seria realidade ou imaginação? Não sei, só sei que de facto caiu copiosa chuva de graças sobre o humilde grupo, que nessa data nem nome tinha ainda, e que se dirigia à Cova da Iria para desde o início consagrar a congregação nascente à maternal proteção da Virgem do Rosário”¹. Encadeando-se no percurso de Luiza Andaluz até então, recolhiam-se da presença em Fátima elementos novos: a confirmação da legitimidade daquela comunidade, com uma tónica sobrenatural; e a sua consagração a Nossa Senhora.

Procurando contornar as limitações impostas à época relativamente à constituição de congregações religiosas, Luiza Andaluz traçou um plano que passava pela fundação de um colégio para a educação de meninas – inaugurado em outubro, na casa da família Andaluz, sob a designação de Colégio de Nossa Senhora dos Inocentes – que justificaria a presença regular daquele grupo de mulheres em Santarém, num projeto comunitário que deveria apesar de tudo manter-se “bem escondido” e cuja data inaugural – o momento em que “começamos a fazer vida em comum” – ficaria alocado ao 15 de outubro (dia de **Santa Teresa de Ávila**) de 1923. A obra, lembraria Luiza Andaluz, “estava por enquanto escondida e encoberta, mas a sua fundação já era uma realidade”. Só em 1939, depois de ultrapassadas diversas dificuldades, é que Luiza e as primeiras irmãs fariam os seus primeiros votos religiosos, depois renovados definitivamente com os **votos perpétuos**. As Irmãs Servas de Nossa Senhora de Fátima utilizariam uma **pregadeira com a representação de uma lamparina**, o símbolo da congregação: “Temos por emblema uma candeia acesa: façamos por que a sua chama e a sua luz irradie sobre todos os que nos cercam”².

Apesar da fundação da congregação estar ligada ao início de vida em comum a 15 de outubro, no colégio de Santarém, na verdade já existia um pequeno núcleo a trabalhar na empresa **União Gráfica** desde junho de 1923, em vista a preparar o primeiro número do renovado jornal *Novidades* que sairia em dezembro desse ano. Novamente uma missão escondida, em estrita colaboração com o episcopado português. Aqui as Servas de Nossa Senhora de Fátima tiveram um papel fundamental na imprensa católica, numa altura de falta de liberdade de expressão, durante a 1ª República.

A Madre Andaluz andava quase sempre de **lenço** ao pescoço, tendo uma postura nobre, firme e decidida, aliada à simplicidade. Um olhar comunicativo. Um vestuário simples, sóbrio mas elegante e com sentido feminino. Disso é também sinal a **mala** e as **luvas** que usava nas suas inúmeras deslocações para acompanhar as obras sociais à sua responsabilidade ou para ir ao encontro de alguém.

Assumindo uma postura ativa de liderança, de que nunca abdicou, Luiza manteve durante décadas uma **agenda** extremamente preenchida. Viajando muito dentro e fora de Portugal e visitando diferentes organizações, que geria e dinamizava: escolas, associações, casas de trabalho. Produziu também correspondência profusa para a família, para Irmãs da Congregação e muitos outros interlocutores na Igreja e sociedade portuguesas.

Aquelas **cartas** revelam Luiza no seu quotidiano na sua forma de se relacionar com diferentes pessoas, dos mais variados quadrantes, em diferentes línguas, e sobre um abrangente leque de assuntos. A forma como Luiza comunica com aquelas com quem partilha um projeto comum, a forma como se expressa e os assuntos tratados

são uma importante e riquíssima forma de conhecer Luiza Andaluz na sua densidade e complexidade.

Luiza tinha com a mais velha das suas irmãs uma especial relação de cumplicidade, quer nos trabalhos apostólicos quer, no despertar da vocação, quer ainda como conselheira e confidente espiritual. A leitura da correspondência de Luiza com a sua irmã Eugénia Santa Martha – muito próxima e confidente – permitem um maior conhecimento da sua vida e da sua espiritualidade, bem como da história da obra que fundou. O mesmo acontece com os escritos que deixou em **estampas** ou postais que tinha por hábito oferecer às irmãs da congregação e a outras pessoas. Ao longo do tempo foram-se chamando a esses textos *Pensamentos*.

Entre fevereiro de 1951 e maio de 1954, Luiza Andaluz redigiu a ***História da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima***. Nesta obra cruza-se a vida de Luiza com a da congregação, bem como a história de Portugal dos séculos XIX e XX.

A congregação que fundou está ao serviço do Santuário de Fátima desde 1933, e foi aí que Luiza decidiu exercer a sua missão após deixar de ser Superiora Geral. Luiza foi também um dos primeiros membros da Associação de Servitas de Fátima. Com o seu traje de **servita**, Luiza deu de beber a muitos peregrinos e acompanhava-os nas suas necessidades. Muito antes de Jacinta e Francisco serem canonizados, Luiza fez à mão muitos **relicários** que a própria gostava de enviar a diferentes personalidades da Igreja, nacionais e estrangeiras, explicando e difundindo a mensagem de Fátima.

Em 1972 as Servas de Nossa Senhora de Fátima iniciaram a sua **missão** em Moçambique. Luiza abençoou o primeiro grupo concretizando o seu sonho de serem missionárias. Hoje a Congregação está presente em seis países: Portugal, Moçambique, Bélgica, Luxemburgo, Angola e Guiné-Bissau. Como ramos de uma mesma **árvore**, alimentados pela mesma seiva, formando um só corpo que contribui em Igreja para a transformação da humanidade e do mundo, assim compreendia a Madre Luiza a congregação formada por várias comunidades.

Passados 50 anos da sua morte, a presença inspiradora e espiritual da Madre Luiza Andaluz continua na missão desenvolvida pela congregação que fundou, mas também acessível nos seus escritos e noutras obras de divulgação. Exemplo disso são as casas significativas da sua vida, onde nasceu e fundou a congregação – Casa Madre Luiza Andaluz, antigo palacete Andaluz – onde exerceu a primeira missão – Convento das Capuchas – e onde morreu e estabeleceu legalmente a congregação – Casa de São Mamede. Nestas casas podemos conhecer a sua história e ver os objetos de seu uso pessoal e de serviço. À entrada da porta principal da Casa Madre Luiza Andaluz, em Santarém, um **busto-memorial** eternizando a memória da Madre Andaluz dá

as boas-vindas a quem chega para visitar o lugar onde nasceu, onde deu início à congregação e onde a sua presença se sente no acolhimento e no silêncio.

Na mesma casa encontra-se a **urna** onde se encontram os restos mortais de Luiza Andaluz, visitável na cripta da capela da casa. É um sinal de eternidade e de esperança desta mulher inspiradora que foi proclamada venerável pelo Papa Francisco em 2017. Permanece connosco e “a sua lâmpada não se apaga” (Pr 31,18).

NOTAS

1 Cf. ANDALUZ, Luiza, *História da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*, s.d., p. 98.

2 Cf. Idem, *Documentos Autobiográficos, Pensamentos e Consagrações*, 1959.

Cronologia

1877 – Luiza Maria Langstroth Figueira de Sousa Vadre Santa Marta Mesquita e Melo nasce a 12 de fevereiro, na casa dos Viscondes de Andaluz, em Santarém – hoje Casa Madre Luiza Andaluz – e é batizada a 15 de março na igreja da Graça.

1891 – Recebe a primeira missão. Aos 14 anos Luiza inicia a sua atividade sócio-educativa: auxiliar as Irmãs Capuchas numa escola para crianças desfavorecidas.

1908 – É difamada pela imprensa. É alvo de campanhas de difamação, repetidas depois no ano de 1923.

1910 – Indigna-se com as consequências da implantação da República, nomeadamente com a restrição à liberdade de imprensa e expulsão das ordens religiosas. Acompanha a saída das Irmãs Capuchas de Santarém.

1914, 7 de julho – Com o intuito de dar continuidade à escola das Irmãs Capuchas, abre a Casa de Trabalho (Externato) no Largo de São Julião, Santarém, que nos finais de 1917 passa para o Palácio Braancamp.

1915 – Sente o chamamento à vida religiosa, quando Eugénia Santa Martha (irmã de Luiza) toma o Hábito no Carmelo de Echavacoiz (Espanha). A pedido da Priora do Carmelo, inicia o trabalho na Obra das Escolas Católicas, em Lisboa. Até 1922 renova anualmente o pedido de entrada no Carmelo, sendo sempre remetida para o trabalho nas escolas.

1918 – Em isolamento, na epidemia pneumónica, lidera uma rede de ajuda às vítimas e acolhe cerca de uma centena de órfãs do distrito de Santarém.

1922, 23 de setembro – Visita o Carmelo de Echavacoiz onde sente o apelo para fundar a Congregação. Luiza partilha a intuição com D. Manuel da Conceição Santos (Arcebispo de Évora) e contacta diversas senhoras para dar início à Obra.

1923, 15 de outubro – Funda a Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima. Com o primeiro grupo de companheiras abre um colégio na sua casa de família (hoje, Casa Madre Luiza Andaluz). Desde junho já um pequeno grupo de “servas” trabalhava na União Gráfica, em Lisboa, no lançamento do jornal *Novidades*.

1924, 17 de fevereiro – Compra o Convento das Capuchas, em hasta pública, para albergar as órfãs que cuidava.

1928, 12 de fevereiro – É condecorada recebendo a medalha “Pro Ecclesia et Pontifice” concedida por Pio XI e entregue em Santarém.

1930, 1 de março – É agraciada pelo Estado Português com a Comenda de Ordem de Benemerência.

1934 – Em grande sofrimento, vive a saída de um grupo de Irmãs e noviças que pretendiam uma vida de consagração diferente.

1939, 19 de abril – Vê aprovado o nome – Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima – e faz a sua consagração religiosa no dia da Ereção Canônica da Congregação a 11 de outubro. Aos 62 anos, juntamente com 24 Irmãs, realiza o apelo sentido tantos anos atrás.

1940, 7 de maio – Assinatura da Concordata entre o Estado Português e a Santa Sé, que regularizou a relação entre ambas as partes após o conflito originado pela Lei da Separação do Estado e da Igreja de 1911.

1946-47 – Inaugura os Centros de Assistência Social na Ericeira, Valado dos Frades, Benedita e Entroncamento, como forma pioneira de resposta sócio-educativa.

1951-1954 – Escreve a *História da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*, hoje publicada e de acesso ao público.

1953 – Deixa o cargo de Superiora Geral mas, aos 76 anos, mantém-se em atividade. Colabora no Santuário de Fátima tendo iniciado o serviço de informação aos peregrinos, continuando assim a desenvolver as suas competências de acolhimento ao outro e de comunicar em 5 línguas.

1962 – Alegra-se com a expansão do “seu querido” Colégio. A Congregação inaugura as instalações do Colégio Andaluz no Moinho do Fau onde, atualmente, reside a Escola Superior de Educação de Santarém (ESES), do Instituto Politécnico de Santarém.

1966 – Recebe a medalha de ouro da cidade de Santarém.

1972 – Abençoa a partida das primeiras Irmãs para Moçambique. Realiza um sonho antigo, com a abertura da primeira comunidade em Moçambique, na diocese de Nampula.

1973, 20 de agosto – Luiza morre aos 96 anos, na Casa Geral, em São Mamede, Lisboa. Na atualidade os seus restos mortais jazem na cripta da capela da Casa Madre Luiza Andaluz, em Santarém.

1997 – Em Lisboa, dá-se a abertura do processo diocesano de canonização de Luiza Andaluz.

2000, 3 de abril – abertura do processo de canonização em Roma.

2017, 18 de dezembro – O Papa Francisco declara Luiza Andaluz como Venerável, com a “Declaração das Virtudes Heroicas”.

Testemunhos

“Era muito boa, muito caridosa e ultimamente ocupava o seu tempo em fazer pequenos quadros de “santinhos” para as Irmãs darem às crianças das catequeses.

Era santa, compreensiva, caridosa. Gostava de nos ver aprumadinhas.”

Irmã Laura Ferreira (F, SNSF)

“Tinha eu os meus 12 anos. Era costume jantarmos pelas 5 horas da tarde, sendo assim muito comprido o nosso serão. Na mesa central da sala do fogão havia sempre uma variedade de cestinhos, contendo trabalhos de costura, crochet ou tricot, lá postos pela minha Avó, assim como grande escolha de agulhas, linhas, fitas e rendas. Todas as noites se reuniam à volta desta mesa, as Senhoras da casa, e cada peça de vestuário feita era então levada pela Tia Luiza, que sempre distribuía pelos pobres das redondezas tudo aquilo que tinha. Já nessa época ela planeava e meditava em dedicar toda a sua vida ao serviço dos pobres – sobretudo das crianças –, fundando a sua própria Obra de Assistência e Beneficência. Também me lembro que a Tia Luiza tinha muito especial jeito para desenho e pintura, e variadíssimas ideias punha em prática, destinadas ao mesmo fim. Nos meses de Agosto, Setembro e Outubro juntavam-se na nossa casa de verão, em Cascais, muitos desses nossos trabalhos familiares. Tudo era vendido, a proveito dos “pobrezinhos da Tia Luiza”.

Maria Antónia de Almeida e Noronha de Azevedo Coutinho (Condessa de Peniche)

(F, Sobrinha, 82 anos, Cascais)

“Lembro-me da nossa Madre à sua secretária com a sua caixinha de relíquias.”

Deolinda dos Reis Marto (F, Fátima)

“Estava muitas vezes de olhos fechados, muito recolhida, mas não era a dormir, era a rezar, “eu não estou a dormir”, estava a fazer a meditação dela ou qualquer oração.

Às vezes dizia-me “Ó Josefina, vamos rezar o terço” e rezávamos. Depois dizia “Pronto, já está”. Fechava os olhos e eu dizia, “Vamos ter meditação”, “Não, eu estou a rezar”, respondia-me.

Nos três anos em que estive com a Madre nas Informações, nunca lhe vi ou ouvi, o que quer que fosse de aborrecimento ou má disposição, sempre muito delicada, a atender bem toda a gente. Mesmo aos pobrezinhos, a todos atendia da mesma maneira.

Até aos namorados escrevia as cartas, quando não sabiam escrever, e lá apareciam.”

Josefina de Sousa Pereira (F, Sociedade Missionária, Fátima)

“Era uma pessoa muito inteligente, muito humana, muito generosa, que tinha deixado tudo, ela que era rica, deu tudo quanto tinha para bem dos pobres. Pôs todo o seu trabalho ao serviço dos outros.

Fui visitá-la a S. Mamede, já muito idosa, seria dois ou três anos antes de morrer, e surpreendeu-me o seu trabalho dedicado, sempre a fazer santinhos e pequenos quadros para as catequeses, para os doentes e missões. Podia pensar-se que fazia estes trabalhos para ocupar e passar o tempo mas não, fazia tudo com muito amor e generosidade e poder ser útil a outras pessoas.

Apesar da sua idade e das suas poucas forças ainda aproveitava as poucas que tinha para o serviço dos outros.”

Palmira Conceição Leal (F, Parede)

“Quanto àquela a quem respeita este depoimento, quando já liberta dos encargos que a sua situação de Superiora Geral lhe eram incumbidos, passava o tempo que lhe sobejava a atender quem a procurava sentada à sua secretária emoldurando estampas de santos ou de objectos sagrados aproveitando com arte, gosto e piedade, coisas aparentemente inúteis como cartões de caixas inúteis ou outras de deitar no cesto dos papeis e destruir, os papeis pintados que forravam os sobrescritos, etc. De tudo fazia coisas lindas, de tudo quer dizer, de detritos, destinados ao lixo fazia objectos piedosos e artísticos, distribuídos pelas catequeses e por outros em testemunho de amizade e fé.

Cito isto por ser uma imagem clara de como aquela vida foi uma fonte inesgotável de caridade sempre a jorrar.

Os objectos dominantes na sua mesa de trabalho – uma secretária – de “reformada” eram estampas, cartões, sobrescritos usados, uma tesoura, um frasco de cola e um pincel.”

Cón. António Henrique Figueiredo Sarmento (M, Confessor, Lisboa)

“Nunca estava ociosa. Já velhinha, continuava a fazer quadrinhos para as crianças da catequese e para que as pessoas que a visitavam levassem consigo uma recordação piedosa”.

Irmã Maria Isabel de Azevedo Coutinho (Peniche)
(F, Sobrinha neta, Irmã de Maria Auxiliadora, Lisboa)

“Impressionava-me muito a sua pobreza, que se revelara também, nos últimos anos da sua vida, ocupando todo o seu tempo arranjando estampas e santinhos com o aproveitamento de estampas e santinhos usados bem como papéis e forros de sobrescritos que então se usavam e que muita gente lhe oferecia.”

Cón. D. João Filipe de Castro (M, Lisboa)

“A sua acção apostólica, no sector de Informação e Acolhimento aos Peregrinos, no Santuário de N^a S^a. de Fátima, especialmente aos peregrinos estrangeiros, foi muito eficiente, continuando em alguns casos a informá-los por correspondência. Mostrava grande alegria quando lhe falavam de alguns progressos nas Obras por ela fundadas, ou confiadas à Congregação.

O seu amor ao trabalho era notável, encontrando sempre maneira de estar ocupada, sem que as suas ocupações a desviassem da união com Deus, como ela própria dizia: “sinto-me sempre em oração ...”

Irmã Maria de Jesus Saraiva (F, SNSF)

Testemunhava minha mãe, que parte do enxoval da esposa do Rei D. Manuel, foi feito e bordado nas casas de Lisboa, nas casas de trabalho da Senhora D. Luiza Andaluz. Chegavam peças de pano para serem trabalhadas para o enxoval.

Maria Elisa da Conceição Vicente de Figueiredo Duarte (F, Santarém)

Sinete com o brasão da família Andaluz
Signet with the Andaluz family crest

Portugal, século XIX
Marfim e metal
9 cm; Ø 8 cm
Santarém, Servas de Nossa Senhora de Fátima
/ Casa Madre Luiza Andaluz

Luiza pertencia a uma família abastada com propriedades na região de Santarém. O seu apelido Andaluz provinha do facto de o seu pai ser o 3.º visconde de Andaluz.

She belonged to a wealthy family with properties in the Santarém region.



Primeiro cabelo cortado a cada uma das quatro irmãs
First hair cut for each of the four sisters

Portugal, século XIX
Cabelo e papel
17 × 10 cm
Santarém, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa Madre Luiza Andaluz

Luiza Andaluz viveu uma infância feliz com as suas três irmãs, com as quais tinha uma forte ligação – Maria Isabel, Eugénia e Ana. Lembra-as com carinho nos seus escritos.

She lived a happy childhood with her three sisters, with whom she had a strong bond – Maria Isabel, Eugénia and Ana.



Luiza Andaluz e as duas irmãs mais velhas

Luiza Andaluz and her two older sisters

Portugal, século XIX

Fotografia sobre papel

13 x 9 cm

Santarém, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa Madre Luiza Andaluz

O forte vínculo familiar e a educação recebida capacitaram Luiza Andaluz para criar relações e fundar estruturas em que o trabalho 'em rede', a participação e o cuidado mútuo estão presentes.

The strong family bond and education enabled Luiza Andaluz to create relationships and found structures in which 'networking', participation and mutual care are present.



Luiza Andaluz com a mãe e irmãs

Luiza with her mother and sisters

Portugal, século XIX

Fotografia sobre papel

32 x 26 cm

Santarém, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa Madre Luiza Andaluz



Livro de orações oferecido pelo pai, com dedicatória em inglês

Prayer book given by her father, with dedication in English

Portugal, século XIX

Papel

12 x 9 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede

Desde cedo, Luiza Andaluz aprende várias línguas, possibilitando nela uma visão alargada do mundo, pautada por valores cristãos.

Luiza Andaluz learns several languages, giving her a broader view of the world, based on Christian values.



Três lenços de Luiza Andaluz

Luiza Andaluz's three scarves

Portugal, século XX

Seda

55,3 × 58 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede



Luiza Andaluz andava quase sempre de lenço ao pescoço, era uma das suas imagens de marca.

Luiza Andaluz almost always wore a scarf around her neck, it was one of her trademarks.

Retratos de Luiza Andaluz

Portraits of Luiza Andaluz

Portugal, século XX

Fotografia sobre papel

8,5 × 13,5 cm

13,5 × 18,5 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede



Luiza Andaluz tem uma postura nobre, firme e decidida, aliada à simplicidade. O seu olhar comunicativo a muitos ainda hoje interpela.

Luiza Andaluz has a noble, firm and decisive attitude, combined with simplicity.

Casaco de Luiza Andaluz

Luiza Andaluz's jacket

Portugal, século XX

Tecido

52 × 47 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa de São Mamede

**O seu vestuário é simples, sóbrio
mas elegante e com sentido feminino.
Disso é também sinal a mala e as luvas
que usava nas suas inúmeras deslocações
para acompanhar as obras sociais à sua
responsabilidade ou para ir ao encontro
de alguém.**

*Her clothing was simple, sober but elegant
and feminine.*



Mala de Luiza Andaluz

Luiza Andaluz's handbag

Portugal, século XX

Pele com aplicações metálicas

30 × 25 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa de São Mamede



Luvas de Luiza Andaluz

Luiza Andaluz's gloves

Portugal, século XX

Pele

19 × 24 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa de São Mamede



Óculos de Luiza Andaluz

Luiza Andaluz's glasses

Portugal, século XX

Plástico e vidro

4 × 12 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede



Um dos objetos pessoais que mais acompanhava Luiza Andaluz, nomeadamente na leitura diária do jornal *Novidades*, e nas inúmeras cartas que recebia e escrevia, para familiares, colaboradores e Irmãs Servas de Nossa Senhora de Fátima.

One of the personal objects that most accompanied Luiza Andaluz, namely when she read the daily newspaper Novidades.

Rádio de Luiza Andaluz

Portugal, século XX

Madeira e metal

16,5 × 26 × 14 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede



A atenção aos “sinais dos tempos” levam Luiza Andaluz a um contínuo interesse pelas notícias do mundo, primando por estar a par dos acontecimentos políticos, sociais e eclesiais.

Her attention to the “signs of the times” led Luiza Andaluz to take a constant interest in world news.

Conjunto de brincar dedicado à missa católica

Play set dedicated to the Catholic Mass

Portugal, século XX

Madeira, papel, tecido e metal

21 × 16 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede



O conjunto de alfaias litúrgicas, em miniatura, com que Luiza Andaluz brincava, na sua infância, dá conta da dimensão eucarística na espiritualidade de Luiza, um pilar que desde cedo foi fortificando.

The set of miniature liturgical implements that Luiza Andaluz used to play with in her childhood shows the Eucharistic dimension in Luiza's spirituality

Roupa confeccionada por Luiza Andaluz para oferta a crianças desfavorecidas

Clothes made by Luiza Andaluz to give to underprivileged children

Portugal, século XX

Tecido

39 × 20 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede

Com os tecidos que recebia na época natalícia, Luiza Andaluz dedicava-se à confeção de enxovais para as crianças mais necessitadas. Uma missão que desenvolveu, dando amparo a muitas raparigas sem educação, no conturbado Portugal do início do século XX.

With the fabrics she received at Christmas time, Luiza Andaluz dedicated herself to making trousseaus for the neediest children..



Caderno Diário do Colégio Andaluz

Andaluz College Daily Notebook

Portugal, século XX

Papel

24,5 × 19 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede

Luiza Andaluz iniciou a sua missão educativa aos 14 anos, na Casa da Aula, que as Irmãs Capuchas tinham na cerca do convento, em Santarém. Mais tarde, o Colégio Andaluz é a grande referência de uma vida ao serviço das causas da dignidade humana e do bem comum, particularmente na educação integral de jovens mulheres.

The Andaluz College was the great reference point for a life of service to the causes of human dignity and the common good, particularly in the integral education of young women.



**Nossa Senhora representada como uma menina
que pertencia ao Colégio Andaluz**
*Our Lady represented as a girl who belonged to the Andaluz
College*

Maria Amélia Carvalheira (1904-1998)
Portugal, século XX
Terracota policromada
45 x 17 cm
Santarém, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa Madre Luiza
Andaluz

**A Virgem Maria é para Luiza Andaluz um exemplo de virtude e
de docilidade. Um modelo dos aspetos mais estruturantes na
pessoa, capaz de a disporem a desenvolver as suas melhores
potencialidades para o bem comum. Por isso, ela é também
modelo educativo.**

*For Luiza Andaluz, the Virgin Mary is an example of virtue and
docility. For this reason, she is also an educational model.*



**Irmã Eugénia de Santa Marta, irmã de Luiza Andaluz,
com hábito Carmelita**
*Sister Eugenia of Santa Marta, sister of Luiza Andaluz,
in the Carmelite habit*

Portugal, século XX
Fotografia sobre papel
15 x 10 cm
Santarém, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa Madre Luiza
Andaluz

**Luiza Andaluz tinha com a mais velha das suas irmãs
uma especial relação de cumplicidade, quer nos trabalhos
apostólicos – antes da entrada de Eugénia no Carmelo de
Echavacoiz – quer no despertar da vocação de Luiza, quer
depois, como conselheira e confidente espiritual.**

*Luiza Andaluz had a special relationship with the eldest of her
sisters during the awakening of her vocation and later as a
counsellor and spiritual confidante.*



**Pedaço da capa do hábito da Irmã Eugénia
de Santa Marta, freira carmelita**
*Piece of the habit of Sister Eugenia
of Santa Marta, a Carmelite nun*

Portugal, século XX

Tecido

8 × 9 cm

Santarém, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa Madre Luiza Andaluz



Ao contrário da generalidade das congregações femininas, as Servas de Nossa Senhora de Fátima nunca usaram hábito porque era proibido durante a 1ª República, momento da sua fundação. Essa prática mantém-se até aos dias de hoje expressando a sua dimensão de encarnação nos diferentes meios sociais.

Unlike most women's congregations, the Servants of Our Lady of Fatima never wore a habit because it was forbidden during the First Republic.

**Luiza Andaluz
com as suas alunas**
*Luiza Andaluz
with her students*

Portugal, século XX

Fotografia sobre papel

22,3 × 16 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede



É na sua própria casa de família que, em 1923, Luiza Andaluz inicia a congregação com a criação de um colégio para raparigas. Aí, as primeiras Servas começam a sua vida em comunidade.

It was in her own family home that, in 1923, Luiza Andaluz started the congregation with the creation of a school for girls. There, the first Servants began their life in community.

Palmatória
Chamberstick

Portugal, século XIX
Prata e vidro
37,8 × 17,2 × 6,1 cm
Santarém, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa Madre Luiza Andaluz



Este objeto servia para transportar velas mais facilmente, sem se queimar. Proveniente da casa de família dos Viscondes de Andaluz, é também um objeto de estatuto que indica que Luiza colocou os seus bens pessoais ao serviço da Congregação.

This object was used to carry candles more easily without burning them. It's also an object of status which indicates that Luiza placed her personal possessions at the service of the Congregation.

**Relicário com uma relíquia da azinheira onde
apareceu Nossa Senhora de Fátima**
*Reliquary with a relic of the holm oak where Our Lady
of Fatima appeared*

Portugal, século XX
Madeira, metal, vidro
19 × 8 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa de São Mamede

A relação filial de Luiza Andaluz com a Virgem Maria é de tal forma estrutural na sua espiritualidade, que pouco depois das aparições em Fátima, fundará uma congregação com o nome de Servas de Nossa Senhora de Fátima, a exemplo e sob proteção da Virgem Maria, aparecida sobre uma azinheira naquele lugar.

Luiza Andaluz's filial relationship with the Virgin Mary was so structural in her spirituality that shortly after the apparitions at Fatima, she founded a congregation called the Servants of Our Lady of Fatima.

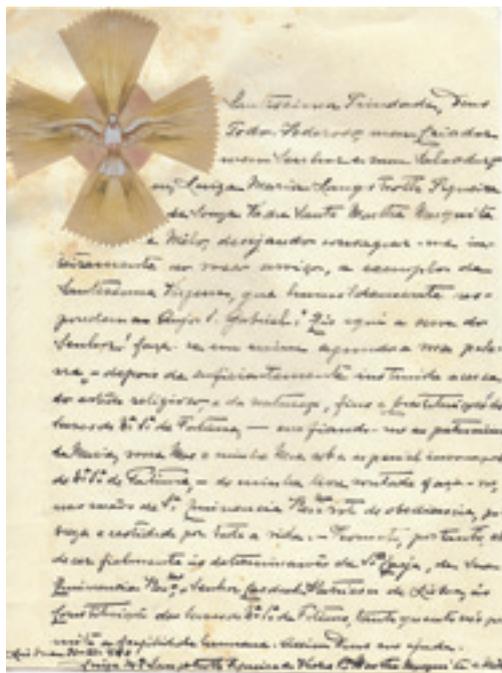


**Fórmula dos votos perpétuos
de Luiza Andaluz na Congregação
das Servas de Nossa Senhora de Fátima**
*Formula of perpetual vows of Luiza Andaluz
in the Congregation of the Servants
of Our Lady of Fatima*

Portugal, século XX
Manuscrito sobre papel
22 x 16,5 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa de São Mamede

Só em 1939, depois de ultrapassadas diversas dificuldades, é que Luiza Andaluz e as primeiras irmãs farão os seus primeiros votos religiosos, depois renovados definitivamente com os votos perpétuos.

It wasn't until 1939, after overcoming various difficulties, that Luiza Andaluz and the first sisters took their first religious vows, which were then definitively renewed with perpetual vows.



**Primeira insígnia da Congregação
das Servas de Nossa Senhora de Fátima**
*First insignia of the Congregation
of the Servants of Our Lady of Fatima*

Portugal, 1923- 1939
Latão e esmalte
2,3 x 2,3 x 0,8 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa de São Mamede

Consistia numa pregadeira com a representação de uma lamparina, o símbolo da congregação: “Temos por emblema uma candeia acesa: façamos por que a sua chama e a sua luz irradie sobre todos os que nos cercam” (Luiza Andaluz, 1959).

It consisted of a brooch depicting a lamp, the symbol of the congregation: “Our emblem is a burning lamp” (Luiza Andaluz, 1959).



Folha ozalid do jornal Novidades
Novidades newspaper ozalid sheet

Portugal, século XX
Papel
55 × 40 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede

As Servas de Nossa Senhora de Fátima tiveram um papel fundamental na imprensa católica, numa altura difícil durante a 1ª República, vindo a trabalhar na União Gráfica desde a sua fundação (junho de 1923).

The Servants of Our Lady of Fatima played a fundamental role in the Catholic press at a difficult time during the First Republic.



As irmãs da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima a trabalharem na tipografia da União Gráfica

The sisters of the Congregation of the Servants of Our Lady of Fatima working at the União Gráfica printing plant



Portugal, século XX
Fotografia sobre papel
11,7 × 8,7 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede

As Servas de Nossa Senhora de Fátima tiveram um papel fundamental na imprensa Católica durante a 1ª República, vindo a trabalhar na União Gráfica desde a sua fundação (junho de 1923).

The Servants of Our Lady of Fatima played a fundamental role in the Catholic press during the First Republic, having worked at União Gráfica since its foundation (June 1923).

O primeiro governo geral da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima
The first general government of the Congregation of the Handmaids of Our Lady of Fatima

Portugal, 1939
Fotografia sobre papel

18 x 13 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede



O primeiro governo geral da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima formado por Luiza Andaluz, Maria de Jesus Rodrigues, Ermelinda Sobral, Maria José Falcão e Louíse Groetz.

The first general government of the Congregation of the Servants of Our Lady of Fatima.

Luiza Andaluz vestida de servita segurando o púcaro na mão direita
Luiza Andaluz, dressed as a servite sister, holding a cup in her right hand

Portugal, 1934
Fotografia sobre papel

8 x 12,7 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede

Luiza Andaluz foi um dos primeiros membros da Associação dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima. A congregação está ao serviço do santuário desde 1933, e foi aqui que Luiza decidiu exercer a sua missão após deixar de ser superiora geral.

Com o seu traje de servita, Luiza deu de beber a muitos peregrinos e acompanhava-os nas suas necessidades.

In her servite costume, Luiza gave many pilgrims a drink and accompanied them in their needs.



Púcaro de servita

Servite cup

Portugal, século XX

Alumínio e cabedal

9 cm; Ø 6,8 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa de São Mamede



Púcaro que usava para dar de beber aos peregrinos.

The cup she used to give pilgrims a drink.

Caixa de materiais de preparação dos saquinhos de relíquias dos três pastorinhos de Nossa Senhora de Fátima

Box of materials for preparing the relic bags of the three little shepherds of Our Lady of Fatima

Portugal, século XX

Madeira, tecido, metal, papel

22,5 × 23 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima /
Casa de São Mamede

Muito antes de Jacinta e Francisco serem canonizados, Luiza Andaluz fez à mão muitos relicários que a própria gostava de enviar a diferentes personalidades da Igreja, nacionais e estrangeiras, explicando e difundindo a mensagem de Nossa Senhora de Fátima.

Long before Jacinta and Francisco were canonised, Luiza Andaluz handmade many reliquaries which she liked to send to different Church personalities.



Agenda de Luiza Andaluz

Luiza Andaluz's diary

Portugal, século XX

Manuscrito sobre papel

13 × 10 cm

Lisboa, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa de São Mamede



Luiza Andaluz manteve, durante décadas, uma agenda extremamente preenchida. Viajando muito dentro e fora de Portugal e visitando diferentes organizações, que geria e dinamizava: escolas, associações, casas de trabalho...

For decades, Luiza Andaluz kept an extremely busy schedule. She travelled extensively in and out of Portugal and visited different organisations that she managed and promoted.

Túmulo de Luiza Andaluz

na capela da Casa Madre Luiza Andaluz

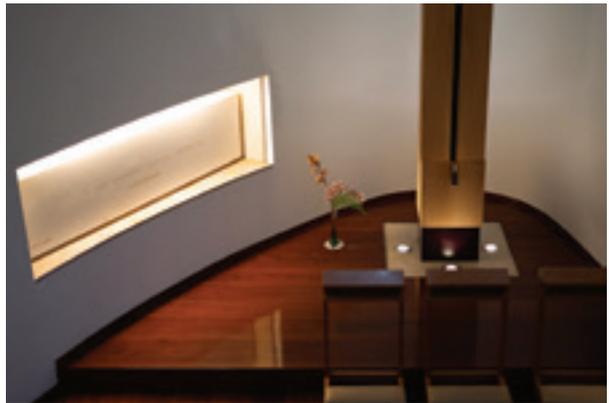
Luiza Andaluz's tomb in the chapel of Madre Luiza Andaluz House

Portugal, século XXI

Fotografia digital

000 × 000 cm

Santarém, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa Madre Luiza Andaluz



A urna onde se encontram os restos mortais da Luiza Andaluz é visitável na cripta da capela da casa onde nasceu. É um sinal de eternidade e de esperança. "A sua lâmpada não se apaga" (Prov. 31,18)

The urn containing Luiza Andaluz's remains can be visited in the crypt of the chapel of the house where she was born.

**Pagelas com pensamentos
de Luiza Andaluz**
*Holy cards with thoughts
by Luiza Andaluz*

Portugal, século XX
Gravura sobre cartão
7 x 10 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora de
Fátima / Casa de São Mamede

**Luiza Andaluz deixou escritos
em estampas ou postais que
tinha por hábito oferecer às
irmãs da congregação e a outras
pessoas. Ao longo do tempo
foram-se chamando a esses
textos *Pensamentos*, e estão hoje
recolhidos e publicados em livro.**

*Luiza Andaluz left writings on prints
or postcards that she used to give to
the sisters of the congregation and
to other people.*

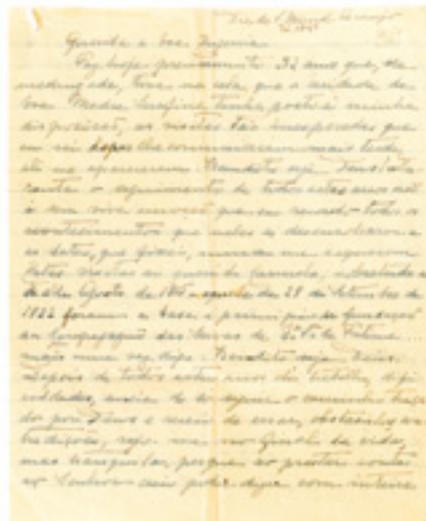


Carta de Luiza Andaluz à sua irmã Eugénia
Letter from Luiza Andaluz to her sister Eugénia

Portugal, 1954
Manuscrito sobre papel
16 x 20 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São
Mamede

**Luiza Andaluz produziu correspondência profusa
para a família, para muitas irmãs da congregação,
para vários responsáveis da Igreja Católica, e
muitas outras pessoas.**

Luiza Andaluz produced profuse correspondence



***História da Congregação, manuscrito
das memórias de Luiza Andaluz***
History of the Congregation, manuscript of

Portugal, século XX
Manuscrito sobre papel
20 × 29 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora
de Fátima / Casa de São Mamede

Entre fevereiro de 1951 e maio de 1954, Luiza Andaluz redigiu a *História da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima*. Nesta obra cruza-se a vida de Luiza com a da congregação, bem como a história de Portugal dos séculos XIX e XX.

Between February 1951 and May 1954, Luiza Andaluz wrote the History of the Congregation of the Servants of Our Lady of Fatima.



Mulher africana
African woman

Moçambique, século XX
Madeira
64 × 12 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa de São Mamede

Em 1972, as Servas de Nossa Senhora de Fátima iniciam a sua missão em Moçambique. Luiza Andaluz abençoou o primeiro grupo, concretizando o seu sonho de serem missionárias. Hoje a congregação está presente em seis países.

In 1972, the Servants of Our Lady of Fatima began their mission in Mozambique. Luiza Andaluz blessed the first group.



As Comunidades da Congregação *The Communities of the Congregation*

Portugal, século XX
Madeira e acrílico
43 × 25 cm
Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima /
Casa de São Mamede

Como os ramos de uma mesma árvore, alimentados pela mesma seiva, formando um só corpo que contribui em Igreja para a transformação da Humanidade e do Mundo. Assim compreendia Luiza Andaluz, a congregação formada por várias comunidades.

Like the branches of the same tree, nourished by the same sap, forming a single body. This is how Luiza Andaluz understood the congregation formed by various communities.



Busto de Luiza Andaluz

Bust of Luiza Andaluz

Portugal, século XX
Gesso
49 × 30 × 27 cm
Santarém, Servas de Nossa Senhora de Fátima / Casa Madre Luiza Andaluz

Estudo para o busto que está situado à entrada da porta principal da Casa Madre Luiza Andaluz, em Santarém. Este busto-memorial, eternizando a memória da madre fundadora, dá as boas-vindas a quem chega para visitar o lugar onde nasceu, onde deu início à congregação e onde a sua presença se sente no acolhimento e no silêncio.

Study for the bust that is located at the entrance to the main entrance of the Mother Luiza Andaluz House. This memorial bust, eternalising the memory of the founding mother, welcomes those who come to visit the place.



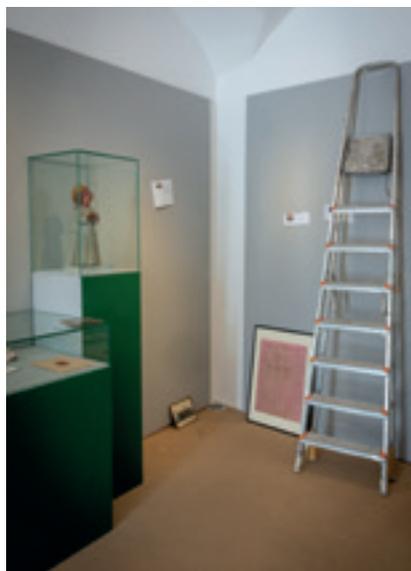
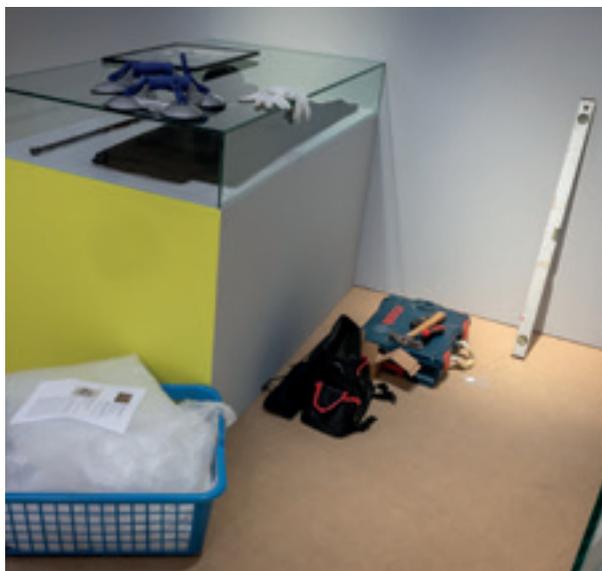
bibliografia

- AA.VV., *Sousa Martins, In Memoriam*, Lisboa, Oficina Tipográfica da Casa da Moeda, 1904.
- BARTOLOMEU, Sandra; PEREIRA, Ana Cristina, *Falar com Jesus, Rezar com o Coração*, Cascais, Lucerna, 2016.
- BRONOWSKI, J., *Magia. Ciência e Civilização*, Lisboa, Edições 70, s/d.
- CABRAL, João de Pina, "O Pagamento do Santo. Uma tipologia interpretativa dos ex-votos no contexto sociocultural do noroeste português" in AA. VV., *Estudos Contemporâneos*, n.º 6, *Religiosidade popular*, Porto, Centro de Estudos Humanísticos / Ministério da Cultura / Delegação Regional do Norte, 1984, pp. 97-112.
- CRUZ, José Dias da, *O Padre Cruz – Notas biográficas*, Porto, Livraria do Apostolado da Imprensa, 1949.
- DAVID, Florbela Lopes da Silva Gomes, *Lágrimas e Possessão*, Alhandra, Edições do Museu de Alhandra, 1996.
- ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, Lisboa, Edição "Livros do Brasil", 2006.
- ESPÍRITO-SANTO, Moisés, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo, s.d.
- FIGUEIREDO, Ricardo, *Deixou o palácio para se dedicar aos pobres. Biografia Espiritual de Luiza Andaluz*, Lisboa, Paulus, 2023.
- HENRIQUES, Dina Maria Batalha, *Ser Educado, Ser Educador: A Dimensão Filosófica, Ética e Pedagógica da Obra de Luiza Andaluz*, tese de doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Filosofia e Teoria da Educação apresentada à Universidade de Coimbra, 2016.
- LEITÃO, Mafalda Franco; GUERREIRO, Lília Petro; GOMES, Stephanie Martinho; SERRALHEIRO, Deolinda (org.), *Luiza Andaluz. História da Congregação*, Cascais, Lucerna, 2020.
- LEITÃO, Mafalda Franco; LEITE, Rita Mendonça; CUNHA, Hermínia dos Santos (org.), *Luiza Andaluz. Correspondência para a sua Irmã Eugénia*, Cascais, Lucerna, 2022.
- LEITÃO, Mafalda Franco; LEITE, Rita Mendonça; HENRIQUES, Dina Batalha (org.), *Luiza Andaluz. Documentos Autobiográficos, Pensamentos e Consagrações*, Cascais, Lucerna, 2021.
- , *Luiza Andaluz. Correspondência para Irmãs da Congregação*, Cascais, Lucerna, 2021.
- , *Luiza Andaluz. Correspondência Geral*, Cascais, Lucerna, 2022.
- , *Luiza Andaluz. Comunicações e Discursos*, Cascais, Lucerna, 2023.
- LEITE, José, *Assim falou o Padre Cruz*, Porto, Livraria do Apostolado da Imprensa, 1948.
- LEITE, Rita Mendonça; TUNA, Cátia, "História e memória de uma congregação religiosa feminina: o arquivo histórico da congregação das servas de Nossa Senhora de Fátima", in FREITAS, Sónia Sousa; COUTO, Joana M.; MOSCATEL, Cristina, *O Feminino nos Arquivos: Abordagens e Problematizações*, Ponta Delgada, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, 2021.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.

- PAIS, José Machado, *Sousa Martins e suas Memórias Sociais. Sociologia de uma Crença Popular*, Lisboa, Gradiva, 1994.
- PEDROSO, Dário, *Audácia e Serviço: Vida de Luiza Andaluz*, Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 1989.
- PEREIRA, Ana Cristina; BARTOLOMEU, Sandra, *Anda com o Coração na Luz: Uma História sobre a Vida de Luiza Andaluz*, Prior Velho, Paulinas, 2009.
- PEREIRA, Pedro A. M. Teotónio, *O Culto do Dr. Sousa Martins: um estudo de caso de religião popular*, Alhandra, Edição do Museu de Alhandra, 1996.
- POLICARPO, José da Cruz, *Luiza Andaluz: perfil de uma personalidade*, Guarda, Tipografia Veritas, 1977.
- REPOLHO, Sara, *Sousa Martins: Ciência e Espiritualismo*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.
- RODRIGUES, Maria Isabel Costa, *Intuições de Luiza Andaluz no Catolicismo Português do seu tempo*, Lisboa, Servas de Nossa Senhora de Fátima, 2008.
- SANCHIS, Pierre, *Arraial – Festa de Um Povo: As Romarias Portuguesas*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1983.
- SIMÕES, Daniela Teixeira, “O Caso dos Monumentos Erigidos ao Doutor Sousa Martins no Campo Mártires da Pátria, em Lisboa: (1898-1904). Do Reconhecimento Científico ao Culto Popular” in *RomantHis, História, Arte, Cultura e Patrimônio do Romantismo*, n.º 11, 2022, pp. 222-255.

aspectos da montagem nos dias 23 a 29 de Abril de 2024

aspects of the assembly from 23 to 29 April 2024



inauguração a 2 de Maio de 2024

opening on 2 May 2024





FICHA TÉCNICA / CRÉDITS

CATÁLOGO / CATALOGUE

Coordenação Geral / General Coordination
Teresa Nicolau

Coordenação Executiva / Executive Coordination
Teresa de Freitas Morna

Coordenação do projeto *reliquiarum* / Coordination of *reliquiarum* project
António Camões Gouveia (NOVA FCSH)

Edição / Edition
João Miguel Simões

Comissários Científicos / Scientific Curators
não-reliquias? doutor Sousa Martins
Pedro Teotónio Pereira, Museu de Lisboa – Santo António / EGEC
Maria do Carmo Lino
reliquias? padre Cruz
António Júlio Limpo Trigueiros, SJ, Reitor da Igreja de São Roque, Companhia de Jesus
Maria João Ferreira
quase-reliquias? madre Andaluz
Mafalda Leitão, Congregação das Servas da Nossa Senhora de Fátima
Rita Mendonça Leite (UCP-CEHR)
Gonçalo Amaro

Autoria dos Textos / Texts
António Júlio Limpo Trigueiros, SJ, Reitor da Igreja de São Roque, Companhia de Jesus
Mafalda Leitão, Congregação das Servas da Nossa Senhora de Fátima
Pedro Teotónio Pereira, Museu de Lisboa – Santo António / EGEC
Rita Mendonça Leite (UCP-CEHR)

Cartografia / Cartography
Francisco Madeiras (IGOT – UL/IST/FAUL)

Coordenação Científico-Museológica: equipa do *reliquiarum* / Scientific-Museological Coordination: *reliquiarum* team
António Camões Gouveia
Carlota Cyrne Manoel
Gonçalo de Carvalho Amaro
João Miguel Simões
Maria do Carmo Lino
Maria João Ferreira
Sílvia Linhares de Freitas Pereira
Teresa de Freitas Morna

Conservação Preventiva / Preventive Conservation
Sílvia Linhares de Freitas Pereira

Secretariado / Administrative Support
Elisabete Moreno
Fátima Rodrigues

Design Gráfico / Design and Layout
Luis Chimenon Garrido

Tratamento de imagem / Image processing
José Domingues

Fotografia / Photo Credits
Leonor Wagner Alvim
Núcleo de Audiovisuais e Multimédia / SCML – João Carlos Oliveira

Impressão e acabamento / Printing and finishing
Grafisol – Edições e Papelarias, Lda

ISBN
978-989-9151-53-6

Depósito Legal / Legal Deposit
531 830/24

Tiragem / Print run
200 exemplares / copies

EXPOSIÇÃO / EXHIBITION

Coordenação Geral / General Coordination
Teresa Nicolau

Coordenação Executiva / Executive Coordination
Teresa de Freitas Morna

Coordenação do projeto *reliquiarum* / Coordination of *reliquiarum* project
António Camões Gouveia (NOVA FCSH)

Comissários Científicos / Scientific Curators
***não-reliquias?* doutor Sousa Martins**
Pedro Teotónio Pereira, Museu de Lisboa – Santo António / EGEAC
Maria do Carmo Lino

***reliquias?* padre Cruz**
António Júlio Limpo Trigueiros, SJ, Reitor da Igreja de São Roque, Companhia de Jesus
Maria João Ferreira

***quase-reliquias?* madre Andaluz**
Mafalda Leitão, Congregação das Servas da Nossa Senhora de Fátima
Rita Mendonça Leite (UCP-CEHR)
Gonçalo Amaro

Autoria dos Textos / Texts
António Júlio Limpo Trigueiros, SJ, Reitor da Igreja de São Roque, Companhia de Jesus
Mafalda Leitão, Congregação das Servas da Nossa Senhora de Fátima
Pedro Teotónio Pereira, Museu de Lisboa – Santo António / EGEAC
Rita Mendonça Leite (UCP-CEHR)

Cartografia / Cartography
Francisco Madeiras (IGOT – UL/IST/FAUL)

Coordenação Científico-Museológica: equipa do *reliquiarum* / Scientific-Museological Coordination: *reliquiarum* team
António Camões Gouveia
Carlota Cyrne Manoel
Gonçalo de Carvalho Amaro
João Miguel Simões
Maria do Carmo Lino
Maria João Ferreira
Sílvia Linhares de Freitas Pereira
Teresa de Freitas Morna

Museografia / Museography
Equipa do *reliquiarum*/ *reliquiarum* team
com o apoio de/with the support of Carlos Pietra Torres

Conservação Preventiva/ Preventive Conservation
Sílvia Linhares de Freitas Pereira

Entidades emprestadoras / Lending institutions
Causa de Canonização do Padre Cruz
Congregação das Servas da Nossa Senhora de Fátima
Família do Dr. Sousa Martins
Fernando de Almeida
Hemeroteca Municipal de Lisboa
Museu Bordalo Pinheiro
Museu de Alhandra – Casa Dr. Sousa Martins
Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado
União das Freguesias de Alhandra, São João dos Montes e Calhandriz
Unidade Local de Saúde São José

Mediação de Cultura / Cultural Mediation
Helena Mantas
André Martins da Silva
Dora Castelo
Isabel Guedes
Luís Nobre
Pedro Rocha
Ricardo Máximo

Luminotecnia / Lighting
Vitor Vajão

Produção Gráfica / Graphic Production
Logotexto, Lda.

Construção / Construction
Direção de Gestão Imobiliária e Património da SCML/
Unidade de Conservação
J.C. Sampaio, Lda.

Montagem / Assembly
Equipa do *reliquiarum*/ *reliquiarum* team
Arquivo Histórico /SCML – Carolina d'Orey Capucho
Arquivo Histórico /SCML – Joana Cebrien Leite

Seguros / Insurance
Tranquilidade

Transporte e Logística / Transport and Logistics
Urbanos

Agradecimentos / Acknowledgements
Álvaro de Matos
Ana Brás
Carlos Boavida
Dário Pedroso, SJ
Dina Alenquer
Fátima Palmeiro
Família do Dr. Sousa Martins
Fernando Santos e Amélia Dias
João Alpuim Botelho
Mário Cantiga
Maria de Fátima e José Carlos Matias
Rute Simões

reli
quia
rum

5

